Julio Lourenço Pinto

O Algarve

(NOTAS IMPRESSIONISTAS)

PORTO
LIVRARIA PORTUENSE
DE
LOPES & C.ª — EDITORES
119, R. Almada, 123

1894

Impr. Civilisação.

Julio Lourenço Pinto (a)

O Algarve

(NOTAS IMPRESSIONISTAS)

PORTO
LIVRARIA PORTUENSE
DE
LOPES & C.ª — EDITORES
119, Rua do Almada, 123

1894

(a) Foi governador civil de Faro.

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Margarida	500	réis
Vida attribulada	500	»
O senhor Deputado	500	»
Esboços do natural (contos) . .	500	»
Esthetica naturalista	500	»
O homem indispensavel . . .	500	»
O Bastardo.	500	»

Porto — Impr. Civilisação — Rua de Passos Manoel, 211 a 219
Defronte da Rua de Santo Ildefonso

Un voyageur est une espèce de historien; son devoir est de raconter fidèlement ce qu'il a vu ou ce qu'il a entendu dire; il ne doit rien inventer, mais aussi il ne doit rien omettre.

Chauteaubriand.

Advertencia

O AZAR-SE-NOS o ensejo de fixar temporaria residencia em Faro, impressionaram-nos vivamente estas phrases n'um dialogo a proposito d'esta mudança de domicilio em perspectiva.

—Se nunca foi ao Algarve, vae conhecer o jardim de Portugal.

O jardim de Portugal! . . .

Mas o jardim de Portugal por excellencia é o Minho, nem jámais nos passara pela mente que outro houvesse no paiz e por isso desde logo nos precatamos com descrentes reservas contra o suspeito enthusiasmo do nosso interlocutor.

E porque não estamos isentos do peccado, de que enferma a grande maioria dos nossos conterraneos, desconhecedora do que ha de bello e bom no torrão natal, mais se nos acirrou a curiosidade de visitar esta provincia, distanciada ao extremo sul do norte do paiz, onde é muito pouco conhecida.

As impressões, que então nos emocionaram ao travar conhecimento com o Algarve, para logo nos suggeriram o proposito de as fixar n'um livro, na vaga esperança de attrahir a attenção desdenhosa ou despreoccupada dos prodigos de enthusiasmo e admiração sómente para o que demora além de fronteiras.

O nosso trabalho não visa, pois, gravemente á observação do Algarve sob qualquer aspecto scientifico ou economico, nem se vasa nos moldes de um plano methodico, tendente ao estudo substancioso das questões que interessam ao adiantamento da provincia, porventura a que mais lentamente, ou indifferentemente, tem acompanhado a marcha do paiz, aliás tão ronceiro, no encalço das nações bem governadas, que sabem progredir e engrandecer-se.

As nossas impressões reproduzir-se-hão em despreoccupado borboletear de espirito, desatando-se n'uma successão de notas de *touriste* com aquella liberdade de movimentos que se arrogam

as milicias sem disciplina. Um traço saliente, um lampejo mais vivido á medida que ao observador se vão descerrando novos horisontes; e n'isto se resumirá despretenciosamente a contextura do que vai lêr-se.

E' uma rapida revista kaleidoscopica de aspectos algarvios, que nos foi dado observar, a que nos propomos patentear aos nossos excursionistas, embora não se nos turve o cerebro na vaidosa presumpção de provocar um exodo artistico-*touriste* em demanda do que ha no Algarve digno de vêr-se e que mal póde ser debuxado pelas pallidas tintas da nossa palêta.

I

Primeiros aspectos.—Os figueiraes.—A luz e o luar algarvio.—A ria de Faro á luz de um occaso.—Amenidades do clima de Faro e contraste

O ALGARVE, logo nos seus primeiros aspectos, suggere ao forasteiro do norte do paiz a sensação que se experimenta ao transportarmo-nos a uma região longinqua de pittoresco exotico.

Estamos muito distanciados da fresca e ridente vegetação minhota ou do pittoresco alpestre da Beira.

Sobre o majestoso panorama da travessia do Tejo, a que succedem as vegetações luxuriantes de Setubal, onde ressahe o vivo matiz dos laranjaes, desenrola-se o veu da noute, e a transição d'aspectos é brusca ao amanhecermos em pleno Algarve.

A' claridade jubilante da paisagem viçosa de

Setubal, magnificamente coroada pelo diadema das suas muralhas ameadas, succedem-se umas perspectivas aridas, desbotadas e monotonas, cuja contemplação nos infunde uma vaga melancholia, sobre que descem mais oppressivos ainda os crepes merencorios do crepusculo. Depois a noute dilue tudo no seu negrume e fica-nos o pensamento a fluctuar na treva n'um esforço saudoso para reter na visão aquellas clareiras luminosas da travessia do Tejo e da viridente paisagem de Setubal a distanciarem-se mais e mais na linha de um horisonte longinquo.

N'este estado d'alma, que ensaia vôo para as regiões do devaneio, faz brusca diversão um ruido no tejadilho da carroagem ao accender-se a lanterna, que nos fita como um olho phantastico, e para logo recahimos n'uma modorra sonhadora, que é um arremedo do repouso reparador pelo somno, até que despertamos em terra algarvia sob a caricia de uma rosada aurora de Maio.

Corremos então á vidraça da carroagem, alongando a vista soffrega pelas perspectivas que se vão desdobrando e logo nos salteou a illusão de uma viagem em paiz de vegetação oriental.

Os figueiraes succedem-se infindavelmente, alternando-se de africanas alfarrobeiras, e a verdura intensa d'esta arborisação, em toda a opulenta frescura do viço primaveral, destaca excentrica-

mente sobre o colorido ardente do solo, que se demuda em cambiantes de amarello fulvo e por vezes em bruscas transições para as tonalidades do rubro ou do violaceo escuro.

As figueiras alinham-se umas vezes com a regularidade uniforme de filas em extensas avenidas; outras vezes plantadas irregularmente, entremeadas de outras culturas, a distancia dão a perspectiva, pela sua configuração especial, de grupos de arbustos, de macissos, e pequenas moutas, artisticamente dispostas em amplos parques, e a natureza do terreno com os seus coloridos ardentes completa a illusão n'um arremedo de grandes arruamentos, correctamente areados, em alamedas e avenidas senhoriaes.

A figueira no Algarve frondeja por modo muito original; a sua ramagem, em vez de se arremessar para o alto, tende a decahir e a alastrar-se pelo solo. Uma amputação no cimo do tronco, ao começar da adolescencia, predispõe a arvore a uma expansão em circumferencia; as frondes bracejam circularmente, copam-se espessas e amplas, abatendo-se para o solo n'uma approximação das calidas exhalações da terra, propicias á maturação do fructo, e escondendo no folhudo involucro os robustos troncos.

A distancia aquillo não é uma arvore; o que se enxerga de longe é um grande tufo de ver-

dura, quasi sempre de forma pyramidal, que semelha um artificio de jardinagem, sobretudo quando as figueiras são já muito annosas.

Para barlavento [1] accentua-se ainda mais esta perspectiva com uma insistencia uniforme, e por isso monotona, mas certamente original e attrahente para quem não está familiarisado com estes aspectos levantinos, e ali mais do que em outro ponto do Algarve impressiona o viajante, habituado á natureza do norte, o destaque vigoroso da verdura forte d'esses infindaveis figueiraes sobre a calida tonalidade dos terrenos rubros ou de um alambreado ardente.

Com excepção da formosa serra de Monchique, onde o pittoresco alpestre da paizagem e o largo esplendor panoramico superabundam em formosos planaltos e em valles pullulantes de seivas, sulcados de mananciaes fertilisadores, o encanto e seducção da paizagem algarvia não resalta da grande variedade de aspectos, da exuberancia de uma vegetação luxuriante, do esplendor dos arvoredos, da frescura das aguas vivas e procreadoras das vegetações opulentas, da fertilidade das varzeas viçosas e verdejantes; mas o seu prin-

[1] São usuaes, como que n'uma imaginosa comparação do solo algarvio com um navio, as expressões de *barlavento* e *sotavento*, a primeira para indicar o lado occidental e a segunda o lado oriental.

cipal attractivo reside na excentricidade d'estas perspectivas, em que ressumbra um accentuado colorido oriental, tão propicio a devaneios phantasistas, e sobretudo resulta d'essa esplendida luz — maravilhoso pincel que tudo alinda e sobredoura em cambiantes de magicos effeitos.

Nos extremos do dia, ao alvorecer e no occaso, essa luz é um deslumbramento; ha nos clarões crepusculares fulgores de inextinguiveis auroras boreaes.

Então a ria de Faro, quando está espelhada e serena como um lago dormente, é um deslumbramento vista ao clarão d'esses occasos gloriosos, jorrando uma luz offuscante que se estampa na paizagem e no espelho das aguas em matizes da mais caprichosa phantasia, em tonalidades polychromicas n'um predominio do ouro ardente, até que o horisonte se inflamma n'um intenso rubor sanguineo, transfigurando magicamente a vasta lagôa, como se as suas aguas crystallinas, luminosas, se tingissem de viva purpura, ao mesmo tempo que, no mais intenso da cyclopica labareda, os barcos vogando ou estanciados na esbrazeada superficie, salamandras enormes vivendo no fogo, assumem um aspecto phantastico envoltos n'aquelle incendio limpido e inoffensivo.

Quando os ardores do estio começam de re queimar o solo algarvio, o bom sabor da vida ex-

perimenta-se sómente nas suavidades matutinas e ao entardecer sob a caricia calmante d'esses dulcissimos luares, que convidam a sacudir o torpor das horas suffocantes do dia, e só então é que perpassa pela medulla da cidade um fremito, não de animação, mas de vida e movimento. A's portas e janellas das casas terreas, formigando pelo *Chiado,* agrupados na *Havaneza*—porque Faro tambem se dá o luxo de arremedar este adorno da capital—ou enxameando o caes, bafejado ás vezes pela viração da ria, todos se banham na dulcidão do luminoso ambiente.

No outomno, e até não raro no inverno, essas noutes são de uma doçura velludosa, e ao sentir-se a caricia d'essa atmosphera macia, á imaginação suggestionada figura-se uma doce illusão, como se nos envolvessemos, para um repouso sybaritico, nos afagos de um estofo de estranha e suavissima flacidez.

Uma d'essas noutes em pleno dezembro deixou-nos indelevel reminiscencia ao sahirmos de uma *soirée* no *Club*, noute deliciosa que dispensaria as precauções de agasalhos impreteriveis nas fortes transições de temperatura.

Um glorioso plenilunio fulgia perpendicular á cidade n'uma ineffavel serenidade atmospherica, sem o arripio de uma aragem, um ambiente assetinado, que parecia ainda mais avelludado pela

doçura do luar, de um fulgor viventissimo, deslumbrador, com estranhas reverberações sobre a alvura da casaria, como se de subito ali surgira uma cidade phantastica, toda feita de alabastro, illuminada de feerica luz.

Verdade seja que estes lindos sonhos presto se dissipam, sobrepujados por chocantes realidades, que nos desembriagam e precipitam brutalmente das ridentes cumiadas do devaneio.

As escorrencias que vasam do interior das casas, e se estagnam em podridões nas sargetas e canos descobertos, e as immundicies que superabundam nas ruas das cidades e villas algarvias contrastam com o uso prodigo da cal no exterior dos predios e até com um certo aceio nos interiores caseiros.

E todavia, ditoso e abemdiçoado clima! a salubridade das povoações algarvias resiste incorruptivel á influencia d'estas causas deleterias.

Em contraposição, porém, áquellas noutes de indizivel encanto no estio são frequentes as noutes de um calido pezadume que suffoca, emquanto que durante o dia ardem ceu e terra, e das calçadas, faiscando lume, e da casaria alvissima se ejaculam reverberações ophtalmicas.

São frequentes os dias em que para as bandas de levante o horisonte se adensa n'uma cerração plumbea, como se fôra o estanho candente de uma

cyclopica fornalha, de cujas entranhas em labareda se exhalassem lufadas de um fogo infernal.

O ar immovel, como que n'um esgotamento de todas as virações, parece insufficiente á respiração, e o forasteiro, ainda não acclimado, como que se sente opprimido de asphyxia, sem que mesmo de noute possa lenitivar-se n'um hausto de aragem refrigerante.

N'estes dias sobretudo o aspecto de Faro é verdadeiramente argelino.

E' d'esta zona do levante que dimanam as influencias meteorologicas mais nocivas ao Algarve; d'ali se vaporam os mais torridos calores, como se desencadeiam as mais temerosas procellas que açoitam este mar ceruleo — esplendida moldura da pittoresca costa algarvia.

Logo, porém, que a influencia levantina dá tregoas ao Algarve, mesmo em pleno estio ha no dia horas deliciosas, as horas em que o sol nos patenteia o espectaculo das suas alvoradas e dos seus occasos radiantes, de um vigor de tintas, de uma intensidade luminosa, que n'este extremo do sul da peninsula attinge a nota culminante no esplendor do nosso ceu meridional.

II

O typo das cidades e villas algarvias.— O aspecto de Faro e typos das ruas.— Os trajos populares e o tamanco algarvio.—O biôco, o **morghot** *e a mantilha*

O ALGARVE nos aspectos das suas cidades, villas e logarejos, como nas perspectivas da natureza, dá-nos sempre a mesma impressão de um paiz extra-europeu.

Nos traços geraes da physionomia de Faro concretisa-se o typo da maioria das povoações algarvias.

A cidade é plana, as casas na sua grande maioria pouco altas, acaçapadas, rarissimas de dous andares, o maior numero muito ao rez do chão, guarnecidas invariavelmente de adufas e gelosias, que deixam ver sem se ser visto, com um ou dous terrassos, mais terrassos que telhados e sempre brancas d'esta implacavel alvura que é ca-

racteristica das povoações algarvias e por sobre toda esta brancura coruscante a surdir uma selva d'estas pequenas chaminés em estylo mourisco, que são um luxo do Algarve, elegantes e graciosas como minaretes, entremeadas de quando em quando de algum zimborio alvinitente sob a flamma de sol ardentissimo, accessorio imprescindivel de quasi todas as egrejas e capellas de Faro e depois ainda acima de tudo isto o pennacho esbelto de alguma palmeira, recortando-se nitidamente no vasto azul quente, limpido, luminoso, que as nuvens raro turvam ou branqueiam.

Por toda a parte laivos de miragens orientaes, e a illusão é ainda mais suggestiva ao resoar-nos de subito aos ouvidos uma toada discordante e desafinada. E' um grasnar psalmodias de rito judaico dentro de um predio de aspecto vulgar, improvisado em synagoga.

Em Faro, como em Tanger, afundou raizes uma numerosa colonia judia.

As ruas são largas, desafogadas, sem estreitezas obstruidoras da exuberancia d'este sol rutilante, a cujo ardor se elanguesce n'este indolente Algarve.

O movimento da cidade concentra-se na rua chamada das lojas, o *forum,* o *Chiado* da terra, com a correspondente Havaneza do seu homonimo.

A' tarde e á noute grupos disseminados pe-

las lojas constituem-se em conventiculos onde se desfibra com o escalpello na mordacidade o caso sensacional do dia.

Sobretudo nas calidas noutes de estio é n'este ágora que a cidade concentra todos os latejos da sua vida; é então que as damas farenses, abandonando o reducto estrategico da gelosia, rompem a crysalida da reclusão lareira e se espanejam, mesmo em cabello, pelas lojas, pela praça de D. Francisco Gomes, á beira do caes, onde formiga uma turba compacta, avida de um sorvo de brisa refrigerante, prolongando até noute alta este espairecimento noctivago, tão aprazivelmente arreigado nos habitos da população, e ainda mais n'essas deliciosas noutes em que a lua, magico lampadario em cupula de azul pavão, jorra refulgencias libertadoras da tenebrosa illuminação municipal.

E' n'este ponto que pulsa o coração e phosphoresce o cerebro da cidade, emquanto que os membros se lhe estiraçam preguiçosamente pelas restantes ruas, ermas, silenciosas, marasmadas.

Em pleno ardor estival, ás horas de mais intensa calma, o aspecto d'estas ruas é desolante e dar-nos-hia a sensação de uma cidade deserta, abandonada, que uma subita calamidade ferisse de morte, se de quando em quando não surdissem, arrostando impavidos com o ambiente de

fornalha ardente, o aguadeiro encarapuçado, a aldeã ou a *montanheira,* como se usa dizer no indigena dialecto popular, com o brutesco chapeo de abas largas que peza kilos, acompanhados do inseparavel burrico que lhes carrega a mercadoria, o vendilhão de peixe enfarpellado em saragoça e o biôco, os typos que mais caracteristicamente se salientam nas camadas populares.

E todos elles com vestes pezadas, como que preparados para affrontar rigores siberianos, transitam impassiveis, indifferentes á flagellação de um sol tropical, sem o mais leve indicio de se molestarem com o involucro suppliciante que lhes serve de vestuario.

Ao vel-os assim entrouxados desgraciosamente e pezadamente, dá vontade de lhes receitar o vestuario frescal, pittoresco, dos varinos e das lavradeiras do Minho.

Mas sobretudo pasma-se de ver este avejão do biôco, uma das singularidades mais caracteristicas do Algarve, perpassar lugubremente atravez de um ambiente de fogo, sem cahir por terra fulminado, ou derretido de calor sob o pezo da negra farpella, que o envolve hermeticamente e o escalda como uma tunica de Nessus.

E no vasio d'estas ruas ainda mais ressahe a sonoridade do tamanco algarvio, vibrando ao arrastar-se languidamente pelas calçadas duas notas

distinctas, bem destacadas, uma media, outra mais aguda.

Outra curiosidade este tamanco canoro, que lá denominam *cloque,* como que para exprimir com este vocabulo onamatopaico o estranho som desferido, quando posto em movimento.

O tamanco algarvio diverge por completo de qualquer das variedades dos tamancos do norte do paiz, e sobretudo não tem nenhuma affinidade com o primoroso tamanquinho de verniz pespontado, que é luxuoso accessorio do trajo de gala das lavradeiras minhotas, endinheiradas e casquilhas.

O tamanco do Algarve é uniformemente talhado no mesmo molde desgracioso. Imagine quem o não conhece um sapato de ourelo, guarnecido de pelle de coelho, adherindo, sómente na parte dianteira, á fôrma de madeira, e ter-se-ha uma noção approximada d'este calçado, em que o algarvio, como em outros accessorios de vestuario, parece manifestar uma grande preoccupação preventiva de phantasiados rigores hibernaes.

A estructura d'este tamanco, com o seu ourêlo e pelles de coelho, dir-se-hia engendrado para uso de esquimaus. D'aquella disposição do sapato de ourêlo, que não adhere posteriormente á base de madeira, resulta o arrastado que resôa pelas calçadas. Em quanto se não conhece e se não vê,

ninguem lhe suspeita, ao ouvil-o cantante e harmonioso, o aspecto tosco e grosseiro e sonhará com garridas e graciosas *babouches* dignas de calçar um pé de houri.

E este tamanco de friorentos naturalmente demove-nos ao confronto com o duro e desconfortavel tamanco do minhoto, tão valente para o trabalho e para as intemperies hibernaes, aligeirando o vestuario, arregaçando a camisa mesmo em pleno janeiro, emquanto que o proletario, no extremo sul, de verão ou de inverno enverga invariavelmente a saragoça e os tecidos quentes e fortes, do mesmo modo que nas classes abastadas, sob a egide de uma benignidade hibernal, de que poucos paizes europeus se gosarão em plena primavera, é frequente o uso de fartos e confortaveis capotes, que só na serra da Estrella se presumiriam toleraveis.

O Algarve não se recommenda á attenção do forasteiro pela notabilidade dos seus monumentos archeologicos ou artisticos. Se exceptuarmos o seu importante peculio de documentos megalithicos, que só interessam á sciencia pre-historica, apenas se destaca algum raro monumento, apreciavel como padrão historico, mas sem valor artistico.

E' pelos seus aspectos pittorescos, originaes, que se contrapõe ao resto do paiz em frisantes contrastes, e entre as cousas interessantes e singulares destaca-se o biôco.

O biôco, este extraordinario biôco, é digno de chronica para esclarecimento e regalo do leitor estranho a esta região.

O biôco desenha-se em dous traços. Um capote, de farto cabeção, pezado e tão abundante de panno, que por completo encobre o corpo amplamente e até aos pés, encimando-se, e esta é a caracteristica proeminente da estranha vestidura, por um chale preto, que, envolvendo e rebuçando rosto e cabeça, se enrola em fórma ponteaguda, lembrando o bico enorme de uma ave phantastica e tenebrosa. Este tubo conico termina por um pequeno orificio, fresta unica para a respiração e raios visuaes. De resto fica hermeticamente fechado o corpo humano que se encarcera n'esta farpella impenetravel a todas as curiosidades, inaccessivel a todos os contactos, porque o biôco é inviolavel, como coisa sagrada reverentemente velada em arca santa.

Por fóra é isto o biôco, a anatomia é simples. Por dentro a psychologia é mais intrincada, se não é antes um caso pathologico complexo.

O mysterio que se recata coutelosamente no involucro estapafurdio d'esta lugubre e perpetua

mascarada, vamos nós desvendal-o ao leitor, como podermos, nos seus varios aspectos.

Uma viuva decahida de fortuna, e que, mercê d'este rebuço protector, póde transpôr os humbraes lareiros e affrontar a luz do dia sem córar humilhada da sua decadencia.

O refugio, o sympathico refugio da pobreza envergonhada!

E é este o argumento campanudo, retumbante, esmagador, dos que terçam armas em defensa da tradiccional instituição do biôco.

Uma beata que se compraz mysticamente sob este funereo farricoco, que é a um tempo balandrau de penitente e escudo isolador de mundanas impurezas.

Uma Messalina que se acoberta no mysterio para acirrar a libertinagem curiosa e frascaria.

Uma fragil peccadora, sem ser uma hetaira, que recorre timidamente a esta egide discreta para perpetrar sem perigo a aventura amorosa-romanesca ou a façanha da infidelidade conjugal.

Um Tenorio frascario, que se acolhe a este disfarce mulheril para se introduzir clandestinamente, e impunemente, onde não teria accesso sem encobrir a sua lubricidade barbuda de galã ditoso.

Finalmente póde ainda ser um scelerado, que

sob esta mascara traiçoeira esconde a traça tenebrosa dos seus maleficios.

O biôco encerra toda esta psychologia; arrancada a mascara resaltam estes e outros cambiantes da alma humana, onde o bisturi de um analysta poderia extrahir episodios palpitantes de comico ou dramatico.

O povo d'esta provincia sem alegria sob a fulguração de um sol hilariante, offerecendo o contraste da sua soturnidade indolente com o esplendor do mais ridente dos ceus, até nos trajes é lugubre e monotono, e o biôco, que representa nos costumes algarvios o traço mais saliente e caracteristico, é o mais lugubre de todos.

Em toda esta região, onde se tem perpetuado redivivos tantos vestigios da dominação mussulmana, não scintilla laivo de traje pittoresco, nem vislumbre da garridice frescal das lavradeiras minhotas ou da elegancia das esbeltas ovarinas.

Das flamantes vestes orientaes, ao contrario do que se observa em outros aspectos, não ficou lampejo no traje popular, em cuja banalidade tristonha, pezada, incaracteristica, apenas sobresahe, sem graça, sem belleza, sem elegancia, o biôco negro, lugubre, sepulcral e todavia ha quem pretenda sobredourar esta farpella inquisitorial na poetica aureola de uma tradição levantina, simplesmente porque serve para velar um rosto femi-

nino, como no Oriente se velam as faces mimosas das sultanas.

Ao toque magico d'esta invocação — tradição oriental — transportamo-nos em imaginação ao velho solo dos Pharaós, a este emporio primevo de uma civilisação, em que a arte attingio as supremas culminações do descommunal, do complexo e maravilhoso, que se tem perpetuado immorredouramente atravez dos seculos nos monumentos assombrosos das suas pyramides, das suas agulhas de Cleopatra, dos seus obeliscos, esphinges, mesquitas e sarcophagos.

E, conduzidos ainda pelo talisman da phantasia, rompamos a phalange ferina e incorruptivel dos eunuchos negros e penetremos nos arcanos dos harens, onde nos deslumbram os encantos dos contos das mil e uma noutes, surgindo aos nossos olhos enlevados as sultanas e odaliscas, pompeando no esplendor dos seus trajes sumptuosos, recamados de ouro e perolas, constellados de pedrarias chispantes, que não brilham mais do que os olhos negros, docemente avelludados, d'estas huris dilectas de califas, principes e pachás.

E é d'esta inclita ascendencia, d'estas deidades tentadoras, fóra dos serralhos envoltas no *morghot* de seda que as envolve dos pés á cabeça, espargindo em torno a fascinação do mysterio, que se diz oriunda a avantesma do biôco, dando-se ares

de se impregnar de um perfume embriagante das prestigiosas tradições orientaes para estontear as cabeças dos modernos pachás algarvios!

Como argumento de defeza é contraproducente o confronto, e ainda mais contraproducente, quando até nas originarias regiões da usança, e nomeadamente na Turquia, a civilisação hodierna vai adelgaçando os mysteriosos veus, hoje transformados em tenuissimos gazes, deixando entrevêr as feições d'estas peregrinas bellezas, que são em terras do Alcorão o ante-goso das *huris* entresonhadas na paradisiaca mansão promettida por Allah.

Ao norte do paiz sumiu-se ha muito na voragem transformadora da moderna civilisação o congenere do biôco—a mantilha, que não era uma mascara, mas uma graciosa moldura para realce e destaque de um lindo rosto.

O biôco, porém, apesar do seu funerario aspecto de phantasma, brigando com a esthetica e com o bom gosto, e lembrando, sob a evocação do lapis travesso e zombeteiro de Bordallo Pinheiro, aquellas suas lendarias avantesmas, a cavalgarem os cabalisticos cabos de vassoura e avoejando em visão macabra de feitiços e bruxedos á hora fatidica dos sabbás, ia medrando ao bafo acalentador do atrazo rotineiro que se tem perpetuado n'aquella provincia, até que no solo argarvio cahiu uma

auctoridade csareana, que em *ukase* exterminador investiu com a realeza consagrada d'este irmão gemeo do *habbarab* oriental. (1)

E o biôco, indestructivel como as pyramides do Egypto que medem a sua existencia pela dos seculos, foi sacrilegamente banido dos costumes algarvios mais pela influencia da opinião publica sensata e illustrada do que pela acção policial, mas não sem se contorcerem as victimas do nefando attentado em imprecações contra este draconiano successor de Pina Manique, surdindo até das bandas de Olhão um guapo paladino, que desceu á estacada em defensa do espesinhado biôco,

(1) Como esclarecimento interessante reproduzimos os seguintes trechos das instrucções, que acompanharam a providencia que aboliu o uso dos biôcos.

«No cumprimento exacto de todos esses preceitos policiaes espero que V. S.ª empenhará toda a sua boa vontade e solicitude; mas especialmente chamo a sua attenção para os que visam á prohibição do uso de biôcos, dos quaes tanto se tem abusado com grave offensa dos costumes publicos.

Entre os vestigios do dominio arabe, que se teem perpetuado n'esta provincia, arreigou-se essa usança tradicional, embora degenerada n'um traje que é uma desastrada deformação do modelo primordial, e certamente são respeitaveis as tradições, que, representando a typica originalidade de um povo e as feições caracteristicas de uma nacionalidade, não são incompativeis com a civilisação e com o progresso.

Não pertence a velharia de biôco a essa ordem de tradições.

Sob o ponto de vista artistico não se recommenda á nossa sympathia nem pela graça, nem pela belleza, um traje, em que

e manejou a penna com humorismo tão scintillante e imaginoso, como se o satyrico e talentoso escriptor dispozesse da magica lampada, que aos olhos de Aladino descerrava perspectivas maravilhosas, entremostrando-nos com ella o biôco seductor e radiante em sonhos encantadores de contos arabes.

Ha no Algarve bellezas que fartamente saciem as ciosas ufanias, que são timbre caracteristico dos seus habitantes; extasiemo-nos no limpido e anilado cariz do ceu, no azul faiscante das ondas, um azul em lago incommensuravel, que passaria por uma mentira, se podesse ser traduzido facilmente

ninguem poderá affirmar se divisam vislumbres de pittoresco oriental.

Sob outro aspecto, como rebuço de pobreza envergonhada, não se impõe tão pouco ao nosso acatamento. Nada mais digno certamente de respeito e sympathia do que o infortunio dos que decahem da prosperidade, da opulencia ou da abastança; mas nem o biôco, velando o rosto, logra encobrir a pobreza, nem a falta de coragem para luctar a face descoberta com a adversidade é sentimento, que os dictames de uma boa e alevantada moral deixem inveterar na educação publica.

Se ao menos as velhas praticas, que nenhuma circumstancia poderosa recommenda, foram inoffensivas, ainda poderia consentir-se que medrassem ao abrigo da tolerancia e da indifferença; mas quando, pelo contrario, se enraizam no organismo social como germens permanentes de corrupção, comprehende-se a severidade com que são condemnadas pela opinião publica sensata e illustrada, e justificado está o rigor com que irremissivelmente devem ser extirpadas dos costumes publicos.

na tela; enlevemo-nos no glorioso esplendor dos seus occasos, sempiternas auroras boreaes transformando-se em feiticeiras mutações kaleidoscopicas, em que se operam delicadas magias de luz e colorido rutilantes; arroubemo-nos em todo este vasto scenario que se recorta em formosas telas, que se desdobra em magnificentes panoramas, graciosas e pittorescas paizagens com todo o fulgor das tintas orientaes, mas, por Deus! não poetisemos este mostrengo que se diz descendente e herdeiro do sendal mussulmano e mais parece um genuino representante dos familiares do Santo Officio.

Não devaneemos a irromper d'esta larva repellente uma odalisca mysteriosamente rebuçada, ou uma patricia da Veneza antiga, chispando olhares de paixão ou ciume atravez da mascara de setim.

Só uma morbida imaginativa como a do cavalleiro da Mancha, transformando uma montesinha Alonza Lorenzo no fidalgo perfil da formosa Dulcinêa de Toboso, póde phantasiar com taes materiaes uma gentil Arianna n'um devaneio leve, vaporoso, encantador, como o Sonho de verão de Shakespeare.

O biôco desappareceu, ou, com mais rigor, foi banida a mascara, mas ficou o traje modesto, economico, recurso precioso para as malaventuradas

que decahiram da fortuna; sómente usam-no a rosto descoberto, porque pobreza não é vergonha.

Verdade seja que, arrancado o *morghot* algarvio pela mão irreverente da policia, o ardente lyrismo de sonhos orientaes cahe das suas chimericas alturas no charco do mais cruel prozaismo!

O biôco qual o descreve o seu defensor de Olhão, *donairoso, saltitante, d'onde o segredo se evola da maneira mais caprichosa e attrahente,* ao desvendar-se deveria empolgar-nos na vertigem de um sentimento identico ao que despertou a Phirné antiga, arrancando n'um rapto de amorosa admiração com a subita revelação da sua nudez a absolvição do tribunal.

E comtudo perante a cruel realidade, *horresco referens!* a emoção que nos salteia resume-se n'um desejo imperioso, urgente, frenetico de tapar de novo o precioso mysterio!

III

Resenha historica das origens da cidade de Faro — A tradicional porta da Traição — Ossonoba — Reconstrucção das muralhas — Effeitos do terremoto de 1755 — A Sé Cathedral — O panorama de Santo Antonio do Alto — Um passeio fluvial ao cabo de Santa Maria — Aspecto de Faro observada da ria — Uma regata — Temperamento do algarvio — Influencia do meio

Faro, a capital do Algarve, na opinião de alguns antiquarios foi fundada por uma colonia grega, suppondo-se que derive a sua denominação da palavra *pharo,* por terem os seus fundadores erigido na praia um pharol.

De positivo sabe-se, em resultado de escavações praticadas modernamente, que se encontraram vestigios de construcções carthaginezas e romanas, emquanto que os restos da muralha, que

ainda circumda a chamada villa, são obra na maxima parte dos mouros, cujo dominio durou até á tomada da villa por D. Affonso III em 22 de março de 1243, effectuada por avença com o alcaide e o almoxarife, que a governavam em nome de Miramolin de Marrocos.

A este facto historico, porém, contrapõe-se a antiga tradição de que a tomada resultou da traição de uma moura que, para vindicta de qualquer aggravo, abrio de noute uma das portas aos sitiadores. E o certo é que ainda hoje existe na parte da muralha, fronteiriça á ria, uma porta falsa, chamada da *Traição*.

Nas derrocadas muralhas da antiga villa de N. Senhora de Faro, onde se encontram lapides de muito valor archeologico, ha indicios de terem sido reconstruidas com os restos da memoravel Ossonoba, que, segundo a opinião dos mais auctorisados antiquarios, existio no sitio de Milreu e Estoy.

Presume-se que essas reconstrucções se fizeram sob o dominio mauritano e posteriormente quando D. João IV, em vesperas de combate, por Alvará de 11 de Julho de 1644 a mandou guarnecer de muralhas.

O terremoto de 1755 destruio-lhe os edificios quasi por completo, ficando sepultadas nas ruinas mais de duzentas pessoas.

Como monumento de importancia archeologica na cidade de Faro, além das muralhas derrocadas, sómente a Sé Cathedral se recommenda á attenção do forasteiro. Sem primores de architectura, ou grandiosidade de construcção, é um templo espaçoso, com tres naves, formadas por columnas de ordem jonica, rematadas ao fundo por tres magnificas capellas.

A origem d'este templo, como o da villa de Albufeira, immerge-se na mais densa obscuridade. Conjectura-se que é obra dos romanos ou pelo menos dos godos; mas aos investigadores teem escasseado por completo documentos irrecusaveis, em que fundamentem uma opinião segura, e a inefficacia das investigações dos eruditos tem facil explicação no desapparecimento dos cartorios e archivos, incendiados pelos inglezes em 1596.

Em 1249, quando D. Affonso III conquistou a cidade, o edificio servia de mesquita aos mouros; mas de que a construcção é anterior ao dominio mussulmano ha evidentes indicios em parte das paredes exteriores, nas duas primeiras capellas lateraes e no portico de origem gothica.

A vetusta torre é de estylo differente; mas esta discrepancia tem plausivel explicação nas successivas modificações que necessariamente se operaram no templo, mormente as que resultaram não só do terremoto de 1755, cuja repercus-

são teve effeitos desastrosos em grande parte do Algarve, mas tambem de um pavoroso incendio, a cuja voragem só escaparam as igrejas de S. Pedro e da Misericordia.

Ao norte e nascente de Faro ficam os montes do Alto de Rhodes e de Santo Antonio do Alto.

No cimo d'este outeiro erige-se uma capella, de cuja torre se avista um panorama de uma originalidade encantadora e dos mais formosos que se nos teem deparado.

Sem nos guindarmos a uma grande altitude, collocados sobre um relevo orographico que é apenas uma ligeira gibosidade na planura d'esta parte do littoral, subindo depois á pequena torre quadrangular, não poderiamos suspeitar a larga e deliciosa vista panoramica que ali nos surprehendeu, e o que a caracterisa com um encanto exclusivo, unico, é que a formosa tela se desdobra egualmente desafogada, mas com aspectos varios, em toda a circumferencia de um latissimo horisonte.

Outros panoramas se lhe avantajam em vastidão grandiosa, em magnificencias de pittoresco, mas essas magestosas amplidões, na Picota do proprio Algarve, na Cruz Alta do Bussaco e nas eminencias de outras serras do paiz, circumscrevem-se principalmente a um segmento do horisonte.

Ali, em Santo Antonio do Alto, relança-se a

vista desaffrontada em todo o circuito, sem obstaculo que a intercepte até perder-se no vago dos ultimos planos.

No plano mais proximo, em torno, as vinhas, as amendoeiras e as figueiras com as suas fórmas de macissos ornamentaes disseminam-se com grande profusão de effeitos paisagistas n'um arremedo de jardins e viçosos parques.

Ao sul a cidade rasa, plana, orlada pela franja azulejante do mar, alastra-se alvejando como um lençol immenso faiscando de lavado sob este sol do Algarve que se desfaz em labaredas de ouro; ao nascente, e prolongando-se tambem ao sul, as dunas, variando de aspectos segundo as phases das marés, ora transformadas em oceano, ora enxutas e volvidas em vasto areal, ou assumindo o aspecto de lagunas em paisagem flamenga; ao norte e ao poente as hortas de aprimorada cultura, vicejantes de vinha, exuberantes de arvoredo, uma planicie luxuriante de vegetação, semelhando uma nesga do verdejante e ubere Minho, estrellejada de brancos casaes e casquilhas casas de campo, aninhadas entre verduras, e além á beira do oceano, como uma ninhada de aves aquaticas espanejando-se na praia, a alvejar a casaria de Olhão.

Este deslumbrante panorama, em que resalta o relevo de todos os matizes do pittoresco, desta-

cando-se ao norte e ao nascente na moldura de uma correnteza de montanhas, cuja dureza se amacia na distancia, figurando um acervo de nuvens opalisadas, requinta de seducções, observado á prestigiosa luz de um d'estes occasos do Algarve, magnificentes de purpura e ouro, afogueando o horisonte n'uns rubores de forja cyclopica, bordando magicos matizes n'um ceu tenuemente algodoado de nuvens luminosas, incendiando-o depois em brazidos, que transformam a vasta arcada do horisonte n'uma cupula imponente feita de marmores delicadissimos e translucidos, ou ainda á luz de uma meiga alvorada que tinge a paisagem de suavissimo colorido, uns arreboes genuinamente arcadicos, uma aurora que vae soerguendo com luminosos dedos côr de rosa o negro manto que acoberta a natureza adormecida.

Em differentes aspectos observamos este panorama de Santo Antonio do Alto, actuado por diversos accidentes d'essa luz feiticeira, magico pincel que tanto realça a paisagem algarvia.

Mas sobretudo recordamo-nos de uma d'estas perspectivas, que deixam uma impressão indelevel, como as telas olympicas dos primazes da pintura, em cuja contemplação uma vez, embora unica, nos extasiamos.

Em quanto o disco do sol escandecido se afundia na linha do horisonte, projectando na immen-

sidade um clarão deslumbrante, no hemispherio opposto erguia-se outro disco, tambem igneo, tambem enorme—a lua, como se o sol, sorvido n'um turbilhão de fogo, de salto surgisse no hemispherio contrario.

E á medida que o rubro globo ascende nas alturas em purpureo esplendor, o horisonte fronteiro desmaia n'uma coloração de roseo esbatendo-se em alaranjado, e quando esta fulva radiação esmaece nas tintas melancholicas do crepusculo, diluindo-se successivamente em violeta, lilaz e perola, já a lua rutila alta e dominadora com uma viva crystallinidade, que por vezes é um offuscamento indizivel no ceu do Algarve.

Nas lagumas faiscam phosphorescencias, como n'um brocado fulgente, e a casaria da cidade, escorrendo de luar, affigura-se-nos uma vasta necropole, resplandecente de moimentos alabastrinos.

E' de um encanto indescriptivel o panorama assim impregnado d'este luminoso colorido, mixto da luz que se projecta do sol no occaso e da que esparge a lua nascente.

Estas magias de uma scenographia maravilhosa, usuaes sob o nosso ceu meridional, com esta intensidade e brilho só no Algarve é licito admirar.

E' que succede ali como em todos os paizes, onde triumpham as quentes tonalidades de um

sol levantino, que aviva o colorido da paisagem, refresca constantemente as tintas do pittoresco e revindica uma incontestada superioridade sobre aspectos, embora mais opulentos de viço, onde são mais pallidos os effeitos de luz.

Diversão deliciosa, uma das mais apraziveis no Algarve, é um passeio fluvial até ao Cabo de Santa Maria em tarde de verão, ou ainda melhor pela manhã em um d'estes meigos dias de avançado outomno, que são uma das mais primorosas dadivas de que tão prodiga foi a natureza para esta privilegiada região.

Logo que o escaler se faz ao largo é formosissimo o panorama de Faro. A cidade alarga-se n'um extenso semicirculo, ridentissima n'esta brancura caracteristica das povoações algarvias, destacando-se n'um fundo de montanhas, pintalgadas de arvoredos e casarias, e á medida que o barco vai escorregando maciamente pela extensa planicie da ria, a perspectiva hilare, fulgurante, da cidade amplia-se; como que se desdobra e dilata n'um soberbo effeito d'optica. Quanto mais vogamos, tanto mais se opulenta o scenario em aspectos decorativos; os cerros negrejantes recortam-se ao longe nitidos no luminoso azul; para barlavento, ainda mais além sobranceando outros mon-

tes, entremostra-se n'um ambiente esfumado, a que imprime tons azulados a natureza de seu granitoide, a serra de Monchique, o oasis do Algarve, que, ao esbater-se no vago da distancia, como quem se encobre com uma seducção de mysterio, nos irrita a curiosidade, anciosa de lhe devassar os preconisados encantos.

Ao nascente Olhão alveja como uma geleira, e no areal do Cabo de Santa Maria, orlando de aureo listrão a clamyde rutilante do oceano, surge a esbelta columna do pharol, semelhando uma pyramide de neve.

E a extensa planura liquida vae-se desenrolando aos nossos olhos por vezes tão serena e acepilhada como lamina de aço, onde transparecem de reflexo com nitida exactidão photographica os montes mais proximos com os formosos relevos dos seus arvoredos.

Outras vezes na serenidade atmospherica passa uma brisa, e a superficie somnolenta da ria desperta, ondulando n'um arripio de rugasinhas, como que tocada de um fremito de deleite sob a doçura d'este caricioso ambiente outomnal, vibrando em caudaes de luz, que o magico joalheiro, o sol do Algarve, derrama a flux dos seus escrinios de ouro e pedrarias. Mas para logo a ria recahe no seu languor de lago dormente, onde se espelham profundas, translucidas, as velas dos barcos de

pesca, semelhando niveas azas de exoticas aves aquaticas.

E depois que formoso azul, fiel repetição do firmamento, em toda esta massa liquida, ora macia como um setim, ora delicadamente ondulada como um *moiré!*

Ao approximarmo-nos do Cabo, as marés, internando-se pelo areal, praticam escavações, onde se formam na baixa-mar pequenas lagôas de um azul-pavão encantador.

Em alguns pontos estes lagos minusculos são debruados de uma relva avelludada, de um viço viventissimo, que se esmalta em tons esmeraldinos ao brilho do sol, e esta verdura rutilante contrasta bizarramente com o lapis-lazuli da agua, emquanto que em frente a columnata alvejante do pharol ressahe solitaria e esbelta, como uma palmeira, no outro azul mais suave do horisonte, n'um aspecto de obelisco egypcio em deserto lybico.

Para um lado um barco varado no areal sobresahe no fundo aureo da praia, e para outra banda alevanta-se um torvelinho de gaivotas, como punhados de petalas brancas esparsas ao vento. Aqui, n'um bello contraste com o azul intenso da agua projecta-se nitidamente o branco reflexo do pharol — columna derrubada e submersa, e além na fimbria resplandecente do mar alguma

vela põe n'esta encantadora marinha mais uma pincelada que alegra e aviventa o quadro.

Como este outros retalhos de natureza provocam irresistivelmente um pincel amestrado; mas um dilemma terrivel mortificaria o artista fascinado pela tentativa de os transplantar para a tela, oscillando na alternativa ou de succumbir sob a impotencia esmagadora de reproduzir esta natureza intraduzivel, ou de não ser acreditado, se tivera, qual outro Prometheo, o condão de lhe arrancar o segredo das suas tintas maravilhosas.

Do alto do varandim do pharol, que mede vinte e sete metros e setenta e cinco centimetros de altura, o panorama desenrola-se mais amplo e grandioso e n'aquella altitude deslumbra contemplar o nitentissimo e formoso azul d'este mar que ali se espreguiça em larga bonança outomnal, e ninguem dirá, ao vêl-o lamber n'um murmuro arfar voluptuoso a loura areia da costa com mansidões rastejantes de animal amoroso, que é esse o mesmo incorrigivel doido, que aos empuxões do violento levante esbraveja em arremettidas, que diffundem o pavor e a agonia.

Mas digno de vêr-se é este vasto recinto da ria n'um dia de regata. E' então que o esplendor d'este scenario ainda mais se vivifica em fremitos intensissimos de animação; é então que se observa

uma d'estas raras phases em que o sangue indigena estua nos ardores do enthusiasmo, agitando esta onda larga e dormente de apathica monotonia em que vai deslisando a vida algarvia.

Não são frequentes estas diversões nauticas; mas quando apparecem, accendem-se scentelhas de inusitada vivacidade n'esta população em que ha gente intrepida, salientando-se os de Olhão, para a faina do mar.

No enthusiasmo por estes torneios nauticos ainda transparece o culto pelas lides maritimas, transmittido na herança da raça forte, que bem perto, no promontorio de Sagres, se aqueceu patrioticamente na chamma d'aquelle espirito de eleição, em que se condensou heroicamente n'um ideal bem definido e orientado o genio nacional das navegações.

Cardumes de barcos esfervilham coruscantes de flamulas e bandeiras, que tremulam sob as palpitações da brisa, como se em toda a planura da ria latejasse um largo fremito de azas multicolores, um torvelinho de adejos por entre uma orgia de coloridos, que resplandecem de redor no céu, nas aguas, nas perspectivas da terra.

De Faro e Olhão vasa-se sobre o recinto do nautico espectaculo uma multidão formigante, que se agita fervida de enthusiasmo e victoría os vencedores, prorompendo em acclamações calorosas,

isochromas com os clangores triumphaes das phylarmonicas.

Experimenta-se uma sensação consoladora com este desanuviamento da soturnidade algarvia e constata-se com intimo prazer que as grandes alegrias das kermesses não esfusiam sómente, em expansões infantis, sob os céus frigidos e nevoentos. A alma peninsular, eivada de uns laivos da merencoria e sonhadora indolencia oriental, tambem por vezes sabe consorciar-se, em harmonica communhão, com a alacridade que desce em chuva de luz e ouro do olympico azul que rutila sempiterno e imperturbavel n'estes extremos confins da Europa.

N'esta innusitada concordancia do aspecto dos habitantes com o da natureza parece aviventar-se ainda mais a luz cerulea do céu algarvio e naturalmente lamenta-se que não pullulem e effervesçam n'este formoso torrão as seivas da jovialidade ruidosa e communicativa, da vivacidade expansiva da gente do Minho, que se identifica, n'uma perfeita e encantadora conformidade, com a natureza festiva e pittoresca que a circumda.

Embora seja outro o estado d'alma normal do algarvio, não é para causar estranheza este antagonismo desagradavelmente impressivo entre o aspecto da natureza e o da população.

O phenomeno tem facil explicação. N'isto co-

mo sob tantos outros pontos de vista o Algarve irmana-se com os paizes levantinos.

E' facto incontestavel que os habitantes dos paizes quentes são pouco joviaes e expansivos; a sciencia encarrega-se de explicar o facto pela influencia do clima sobre o figado, predispondo-os para a tristeza.

Os gregos riem pouco e a côr amarellenta da cutis, denunciando perturbações hepaticas, condiz com a seriedade d'esta raça. E' no norte, sob os ceus sombrios, esbranquiçados de neve, que estrondeiam as irresistiveis alegrias, as ruidosas jubilações das viventissimas kermesses, ao mesmo tempo que florescem as faces frescas e rosadas.

Tambem no Algarve é a tez trigueira que predomina com variantes entre o terreo e amarellento, em quanto que as carnações claras e os cabellos mais ou menos louros só raro apparecem muito para o littoral.

Todavia a população, se não é de aspecto ridente, se não é facil em resfolegar em expansões alegres e enthusiastas, se o Algarve se obstina na sua apathia oriental em desmentir a opinião, que nos valeu o verso da opereta franceza—*Les portugais sont toujours gais*—que se inspirou nos bons tempos da nossa possante e sadia mocidade, quando nos fervia jubilante e expansivo o enthusiasmo das epicas façanhas, borbulhando em folguedos

sob qualquer pretexto, tambem não desagradece a benignidade do clima, o prestigioso encanto de uma natureza provida e amoravel com azedumes, desabrimentos e virulencias que envenenam a vida. Nem mesmo as ardencias estivaes, que espicaçam os povos submettidos durante a maior parte do anno a uma intensa acção frigorifera, os exaltam escandecendo-lhes o sangue e incitando-os ás violentas turbulencias e ás explosões das coleras rubras.

Pelo contrario o ambiente temperado e clemente exerce uma acção entorpecedora que se manifesta n'um indifferentismo accommodaticio, repassado de um pouco de *lazzaronismo,* mas sem a vivacidade esfusiante, ruidosa, travessa do napolitano bem humorado, que no gosto pelos *concetti,* pelos ditos picantes e gaiatos denuncia no sangue o originario *atticismo* da antiga colonia grega.

Arrebatamentos, indignações, revoltas colericas, se as ha, dissipam-se como fumo e extinguem-se de prompto em garrulos desafogos, como uma pyrotechnica espaventosa e estrondeante, mas inoffensiva.

E n'esta apathia, que anniquila a vontade e amollenta as energias n'uma beatifica conformidade com a rotina, reside por sem duvida a causa primaria do grande atrazo d'esta provincia.

IV

Ainda as excellencias do outono — A decoração das amendoeiras em flôr e seus aspectos diversos em Santo Antonio do Alto — Uma excursão maritima de Faro a Portimão — As furnas do littoral — A ermida de Nossa Senhora da Rocha — As cavernas troglodyticas do Algarve

Na quadra do anno, em que vão amortecidas as labaredas que escaldam o solo, tem o Algarve aspectos encantadores, avelludadas caricias no ambiente, e ficará bem incompleta a observação do excursionista que não experimentar as blandicias d'essa suavidade outonal, não raro prolongada até dezembro.

E' então que as perspectivas panoramicas da Africa d'aquem-mar são fascinantes á luz calida, sem ardencias, do sol outonal, que á hora cre-

puscular se atavia sumptuosamente com todo o luzimento e colorido dos poentes em paizes orientaes, sobretudo quando o brilho da vegetação ainda de todo em todo não desluziu, ao passo que nas derradeiras folhagens dos figueiraes e das vinhas se accendem fulgurações de ouro e purpura aos reflexos d'estes occasos magnificentes.

Na atmosphera perpassam halitos mornos de verão temperado; os dias deslisam n'uma meiga placidez, e o esplendido azul, a scintillar no alto em serenidade olympica, ao entardecer esbate-se no horisonte n'um colorido tão luminoso, delicado e translucido, como se fôra feito de ambar diluido em borbotões de feericas claridades.

Mais tarde, muitas vezes em pleno dezembro, o côro estridente das cigarras, n'uma algazarra folgasã e madraça, alastra-se por sobre os campos circumjacentes á cidade, e um reviçar de prados enflorecidos dão-nos a illusão de uma antecipação primaveral.

Contraste curioso! Em quanto o habitante de Faro para logo se couraça no farto capote siberiano, com uma susceptibilidade de planta de estufa, ao roçar dos osculos impertinentes das derradeiras brisas outonaes, no pino do verão o trabalhador do mar e dos campos arrosta, sob as suas vestes hibernaes de pannos fortes, impavido, paciente e insensivel, com os ardores tropi-

caes, ao mesmo tempo que o estupendo biôco, como que n'um voto de horripilante penitencia, que deve de ser um ensaio de transição para o fogo purificante do purgatorio, atravessa esmagado sob o funereo involucro os largos e praças publicas, que lembram retalhos de deserto libico.

Desviemos a vista d'estes sepulcros ambulantes para outras perspectivas mais sympathicas e ridentes, que as tem de sobra o Algarve, e depois de immergirmos em plena suavidade outonal, avancemos mais um passo, internando-nos nos penetraes do inverno, já que os habitantes de Faro phantasiaram que tambem estavam investidos na posse incontestada de uma quadra de frio, desde que por tradição immemorial foi transmittido aos posteros, que n'um dia memorando os mais matutinos accorreram alvoroçados e attonitos a contemplar uma poçasita envidraçada n'uma crôsta de gêlo e tão delgada, que para logo se derreteu de envergonhada ao toque do primeiro raio de sol surpreso e curioso do que seria aquillo em taes paragens.

As amendoeiras em flôr! Oh! as amendoeiras em flôr!...

Tanto nos encareceram o aspecto da paisagem durante a efflorescencia das amendoeiras, que nos esporeava a mais impaciente das curiosidades, aguardando o momento opportuno de admirar o

preconisado aspecto do campo algarvio n'esta quadra do anno.

As amendoeiras superabundam em grande parte do Algarve, em concorrencia com as figueiras, com as alfarrobeiras, com as romanzeiras e nespreiras. Arborisação de uma flora quasi tropical.

As amendoeiras entremisturam-se por vezes com as figueiras; nos pomares avultam em grande profusão, alinham-se com os muros das hortas, debruçadas sobre as estradas e caminhos, e a efflorescencia primaveral d'esta arvore, desatando-se pomposamente em pleno inverno, completa a boa sensação que experimenta o forasteiro do norte do paiz n'esta passagem immediata, quasi sem élo de transição hibernal, do outono para a primavera.

E para que a illusão fique completa, nem sequer faltam as bellas rosas a desabotoarem opulentas de viço e colorido e a hipnotisante melopêa das cigarras a arrastar-se longamente na dormente serenidade dos meigos luares de Janeiro.

Quando por toda a parte, matisando os campos, orlando as estradas, as amendoeiras sem folhagem, começam de toucar-se com os seus enfeites primaveraes, semelhando grandes ramilhetes virginaes, feitos de pequeninas flôres, umas roseas, outras brancas de neve, que á luz do sol

transparecem como rendas finissimas bordadas de perolas, comprehende-se então que o Algarve dispute primazias de pittoresco ao formoso Minho.

Do Alto de Santo Antonio a perspectiva é encantadora, de um encanto originalissimo, exquisito, unico. Todo o vasto panorama está pulverisado pelos aljofares d'aquellas delicadissimas petalas, e tão mimoso é o conspecto, que naturalmente se pensa em arminhos, em ninhos de macias e alvissimas plumagens, pullulando a flux pelas franças das arvores.

E os aspectos d'esta deliciosa decoração variam segundo a distancia. As amendoeiras mais proximas dir-se-hiam borrifadas de flocos nevados, um arremedo phantasista dos effeitos da neve n'uma paisagem do frigido norte, contrastando bizarramente com o resplendor do sol no limpido e tepido ambiente. Em planos mais distanciados affiguram-se polvilhadas de branco e ainda mais além apparecem-nos como esfumadas n'uma incineração tenuissima.

Uma *toilette* de noivado, caprichosa, delicada, graciosissima com que a natureza se enfeita, artefactos phantasiosos de perolas e arminhos, sendaes de finissimas rendas, véus de tule entretecidos por dedos de fadas!

E a imaginação sobreexcitada propende naturalmente a sonhar uma paisagem da frigida Alle-

manha. Ao fundo de um bosque a aldeia, o campanario sobresahindo á casaria, branqueada pela neve que borboleteia em flocos, congelando-se em estalactites pendentes dos galhos das arvores.

Mas a visão é insustentavel por muito tempo sob o esplendor da realidade resaltante de todos os lados em deslumbramentos. O ar é limpido, luminoso, temperado, descendo sobre nós na doçura de um agasalho acariciante; prados tapisados alegremente de floritas multicores alternam-se com a verdura esmaltada dos laranjaes estrellados de fructo; e por toda a parte, n'um bello contraste com a verdura eterna das alfarrobeiras e das nespreiras, a desatarem-se as efflorescencias das amendoeiras — a nota mais ridente da paisagem algarvia.

E sempre este esplendor do azul, esta exuberancia da luz, que é no Algarve uma festa sempiterna!

As decantadas orgias de luz dos céus orientaes, essa symphonia de tons brilhantes, de coloridos phantasticos temol-as no Algarve; mas no outono e no inverno o ambiente resplandece sem escaldar; o ar é suave como uma caricia de viração primaveral e mais suave ainda ao impregnar-se das emanações balsamicas das amendoeiras e dos laranjaes em flôr, evolando-se de toda a parte em effluvios narcotisadores e suggestionan-

do devaneios pantheistas, idyllios pagãos em que o deus Pan, agitando o sceptro do prazer, arrasta após de si um cortejo de nymphas e bacchantes esculpturaes, coroadas de pampanos e flôres, delirantes em bailados e canções, que deixam um rastro de alegria através dos campos e das vinhas regorgitantes de cachos alambreados.

A paisagem em quasi todo o Algarve é de um pittoresco original; mas no encanto e magnificencia panoramica, postos de parte confrontos com Monchique, sobrelevam os aspectos do littoral, contemplados do mar, d'este esplendido mar em que se espelha o mais formoso céu e onde mais triumphalmente actua a magia do sol algarvio.

Uma excursão pela costa desde Faro a Lagos, ou até ao Cabo de S. Vicente n'um d'estes dias deliciosos e frequentes, em que o oceano resplende soberbamente na larga mansidão de lago immensuravel, é uma das diversões mais attrahentes e emotivas.

Sobretudo, até nos defrontarmos com a pittoresca perspectiva de Portimão, a costa é como que uma successão kaleidoscopica de panoramas, em que vão destacando alegremente as povoações

da faxa littoral com a sua caracteristica alvura algarvia no fundo esfumado das montanhas, onde avulta a serra de Monchique em ultimo plano, como vaga alterosa de oceano colossal.

Mas n'esta excursão maritima salienta-se uma parte da costa de uma originalidade impressionadora.

Adiante d'Albufeira o littoral, orlado de uma extensa muralha de calçareo jurassico, com a altura de muitos metros, é uma das curiosidades mais interessantes do Algarve.

N'esta rocha, que tem kilometros de extensão, pouco resistente á acção destruidora e corrosiva do mar, rasgam-se porticos e arcarias que dão accesso a cavernas profundas, grutas e cryptas de todos os formatos e tamanhos.

Por fóra ou por dentro é curiosissimo o labyrintho de fórmas architectonicas que a natureza talhou caprichosamente n'aquellas cavidades, como se mysterioso artista, febricitado em phantasias de contos arabes, se tivesse comprazido em executar uma concepção arrojada, extravagante e maravilhosa de todos os estylos.

E esta architectura excentrica transforma-se successivamente, varía de aspectos e de fórmas, á medida que a acção corrossiva do mar vae proseguindo na sua obra transformadora e phantasiosa de artista caprichoso e lunatico.

Por vezes o adoidado scopro, ao excavar o interior da muralha, disgrega grandes porções do fraguedo, que ficam isoladas e cercadas de agua á feição de ilhotas, e talha n'estes rochedos esparsos columnas, monolithos, monumentos bizarros, como que esquadrinhados e transplantados de velhas necropoles egypcias.

E' sob a impressão indizivel d'este espectaculo estranho que avistamos a capellinha de Nossa Senhora da Rocha, um pouco ao nascente do Cabo do Carvoeiro, á beira do paredão, sobranceira ao mar, erma, face a face com a solidão magestosa do oceano, e em meio de todo este scenario magnificente, illuminado pela prestigiosa luz do Algarve, n'um deslumbramento de azul que refulge no céu e nas aguas, esse singelo monumento, erguido pela piedade dos mareantes, surge-nos envolto na mesma aureola de encanto poetico e tocante com que evocamos a visão das ermidas de Guerra Junqueiro, como se estivessemos ouvindo resoar ali, ao rythmo canoro e embalador do mar, as estrophes musicaes e emocionantes do inspirado lyrico.

E o mar, fera encarniçada, com as garras lacerantes cravadas na presa, vae corroendo a rocha em torno da capellinha, como que movido por força mysteriosa e irresistivel no labor tenaz e paciente de a contornar, erigindo-a n'um pedestal

sobre as vagas, arrancando-a ás impurezas da terra, envolvendo-a no amplexo amoroso das suas aguas ceruleas até sorvel-a, por fim, n'um anceio de fervida devoção e sumil-a no seio crystallino das ondas para erguer á devota Imagem, n'esses profundos recessos, um templo condigno, feito de perolas e coraes.

Ao longo da extensa muralha succedem-se os porticos e arcarias, e logo á entrada d'essas grutas e galerias ha formosos effeitos de luz, brilhantes reflexos na agua que faisca em vivas scintillações esmeraldinas, emquanto que para o interior, nos mysteriosos penetraes d'aquellas cavernas, a phantasia do magico architecto desentranha-se ainda mais delirante em pompas de ornamentação, em profusas opulencias decorativas, em lavores imbrincados de estalactites, realçados pelos cambiantes da luz, que n'aquelles mysteriosos reconcavos dão á agua coloridos intensos e encantadores.

Internados n'estas cryptas experimenta-se uma estranha sensação, como se nos transportassemos a um mundo de encantamentos fallazes e a nossa emoção recresce, penetrada de uma irreprimivel desconfiança, sob o receio de um subito desabamento, sabendo-se que a estructura architectonica praticada phantasiosamente pela natureza n'esta penedia pouco consistente, mutavel como

um scenario theatral, vae passando por successivas transformações.

A'manhã, ou logo porventura, desapparecerá o pilar ou a ogiva que se nos figura resaltar na penumbra da caverna, como desappareceu, segundo informação fidedigna, o vulto de animal, affectando as fórmas de um felino, plantado a modo de trabalho de esculptura sobre o pedestal de um fragmento de rocha.

São estas furnas as congeneres das cavernas que abundam no littoral e no interior do Algarve, primitivas moradas dos homens da edade de pedra lascada e polida, e consoante a crença popular habitadas pelos mouros, que são para o aldeão algarviense os genuinos representantes da mais remota antiguidade prehistorica.

Estes asylos troglodyticos não teem valor sómente perante a sciencia paleontologica, mas são tambem interessantes sob o ponto de vista artistico.

Ha cavernas que vão dar accesso, por caminhos ora mais ou menos planos e faceis, ora invios, tortuosos e estrangulados de penedias, a camaras e salões, de cujos tectos abobadados pendem soberbas estalactites, phantasticos candelabros, que se accendem em iriadas e deslumbrantes fulgurações á luz das lanternas ou archotes dos visitantes.

Outras são cavadas por fójos, grandes covões, ravinas, abysmos profundos, que ninguem devassou, onde ruge a voz formidolosa de caudalosas torrentes, ou enxameadas de morcegos, que em satanicos vôos desvairados apagam as luzes dos que se affoutam a estes lôbregos arcanos e repletas de cousas maravilhosas, phantasiadas e engrandecidas pela imaginação popular, povoadas de tradições e lendas de mouras encantadas, tão inveteradas na crendice aldeã de uma região, onde por mais tempo preponderaram o dominio e a influencia sarracena.

Ha-as ainda, accessiveis por terra ou por mar a batel, habitadas por pombos bravos, lontras e rapozas, com galerias e corredores que terminam em camaras espaçosas, medindo algumas mais de duzentos metros quadrados e com a altura de dous ou tres metros, ao passo que para outras só de rastos é possivel o accesso.

Tambem as ha que são verdadeiros dedalos, onde o excursionista não póde aventurar-se sem guia, repartindo-se em extensas galerias, cujo termo é desconhecido, e rasgando-se em fracturas e reconditas cavidades, que ninguem explorou.

Outras então apresentam-se-nos com abobadas abatidas em atrios imponentes, onde as estalactites em juncção com as estalagmites se perfi-

lam, sob tectos em fórma de cupula, em columnas á similhança de naves cathedralescas. (1)

Depois na longa correnteza da rocha amuralhada, que guarnece esta parte do littoral, opera-se uma subita mudança de aspecto. Surge sorridente em amphitheatro a praia do Carvoeiro, e mais adiante alarga-se magnificente a perspectiva ao defrontarmo-nos com o panorama pittoresco, jubilante, de Portimão, contornado ao longe pela serra de Monchique e pela bahia de Lagos.

---

(1) O sr. Estacio da Veiga no seu livro — *Antiguidades monumentaes do Algarve — Tempos prehistoricos* — onde o leitor póde forragear largos esclarecimentos sobre as cavernas troglodyticas do Algarve, reporta-se á descripção feita por Carlos Bonnet da caverna — Igrejinha dos Soidos — situada na vertente sueste dos Soidos, no logar do Labradinho, concelho de Loulé, freguezia de Alte. Da noticia d'este escriptor reproduzimos os seguintes trechos:

«... é tão apertada que só com difficuldade se vence a sua passagem. Para ali se entrar é mister levar luzes. E' grandiosa, de fórma circular, de abobada muito elevada á feição de cupula, a primeira camara. As estalactites assás grossas e separadas umas das outras formam com as estalagmites umas columnas similhantes ás das igrejas. Para o lado do nascente ha diversas passagens que se dirigem a cavidades baixas, e estas parecem capellas. Em razão de tal configuração deram os habitantes das localidades proximas a esta caverna o nome de *Igrejinha*, considerando a grande sala como nave central e as camaras contiguas como capellas.

V

O aspecto de Portimão — A praia da rocha — Albufeira e o seu castello — O arraial de uma armação de atum — O copejo

Portimão no seu conspecto geral é a mais formosa povoação do Algarve. Em graças de perspectiva disputa-lhe primazias Tavira, que, sobrelevando nos ornamentos da vegetação em que está encastoada, é todavia inferior no ridente desafogo da sua largueza panoramica. O que em Portimão, margens, caes, ponte, é mais amplo, miniaturisa-se em Tavira com mais requintes de pittoresco.

Sob o ponto de vista commercial, depois de Villa-Real de Santo Antonio, o porto de mais movimento, em que são factores principaes as minas de S. Domingos, de Cortes Pereira e as

provincias de S. Domingos, Portimão é o centro algarvio de mais vitalidade.

Para o nosso intento de excursionista despretencioso, Portimão notabilisa-se principalmente pela sua formosa e originalissima praia da Rocha.

Singular e pittoresca esta praia, como certamente outra não ha no paiz em equivalencia de encantos, e em condições hydrographicas tão vantajosas para os usos balneares, que póde competir com outras que se gosam d'essa primazia, se não as sobreexcede, ao passo que com esta dadivosa prodigalidade da natureza contrasta a absoluta carencia de commodidades de installação caseira para quem não possuir alguma das poucas casas, que formam o grupo de habitações alcandoradas pelas encostas d'esta deliciosa estancia.

De resto nenhum outro vestigio da actividade humana se divisa ali n'aquelle recantinho paradisiaco. Nenhum assomo de iniciativa particular tenta aflorar atravez da rotina e da inercia indigena n'um prurido de aspiração aos festins dos hodiernos progredimentos. Nem uma mediocre hospedaria, como qualquer das que se nos deparam nas principaes povoações do Algarve, nem tão pouco qualquer cousa com arremedos a club ou casino!

Pittoresco, muito pittoresco sómente, sobre o qual ainda assim alastra a nodoa da banalidade

d'aquellas vivendas incaracteristicas tão discordantes das excellencias naturaes do privilegiado recinto, que está exorando misericordiosamente não lhe profanem a virgindade da nativa belleza, deixando-o em paz no ditoso remanso da sua poetica e melancholica solidão, todo embevecido nos murmuros madrigaes que em estreito amplexo lhe segreda o amoroso oceano, já que não souberam realçar-lhe o garbo com o adorno de alguns *cottages* ou *chalets,* a resaltarem esbeltos e ridentes n'aquellas collinas e penedias, a que se sobrepõem em segundo plano as espelhadas verduras dos pampanos—singular alliança do vegetal e do mineral em harmoniosa confraternidade de parras e fragas marinhas.

No tocante a influições de vida moderna até faltam quasi por completo as barracas, que a outras praias imprimem a animação ridente e movimentada de um acampamento.

Afóra alguma rara tenda, de exclusivo uso privado, os resguardos dos banhistas improvisam-se nas anfractuosidades, nos concavos e fendas cavernosas, com que a natureza acudio previdente em defeza do pudor, e n'estes apertados lances desempenham preciosa e providencial missão os lençoes, que são para os banhistas da Rocha o que foi para o ancestral Adão a folha de figueira, inefficaz todavia esta veneranda defensa da pudi-

cicia e decencia publica, quando algum gnomo chocarreiro e frascario, algum Puck travesso e folião, passando em galhofa endiabrada n'uma lufada de vento, põe mão atrevida na discreta cortina, possesso de uma phantasia bizarra de scenas mythologicas, em que o olho lubrico do satyro impuro surprehende entre as penedias protectoras a dryade despreoccupada.

O que n'esta praia se salienta e lhe imprime um cunho de exquisita originalidade são os agrupamentos de rochedos multiformes, dispostos em fundo de scenario caprichoso. Ao inverso do que succede em outras praias, onde se eriçam dentaduras penhascosas á orla do mar, aqui os penedos encravam-se no interior da praia, uns disseminados pelo areal, outros mais internados, quasi adherentes á muralha do fundo, contornada em ferradura e estes fraguedos affectam fórmas monumentaes, que se debuxam em formosas linhas architectonicas, modelando-se em phantasias estructuraes, rasgando-se em arcadas, escavando-se em grutas, talhando-se em fustes e capiteis, como se ali jazessem, na derrocada de remoto cataclismo, e ainda na agonia do esphacelamento dos seculos, os escombros de alguma cidade antiga, onde tivessem florescido primores de extinctas civilisações.

Sobretudo impõe-se á nossa admiração n'este

afloramento de rochas uma fragoa enorme, monumental, cathedralesca.

Este colosso, rematando em arestas ponteagudas, á semelhança de corucheos elegantes e floreados, crespo e rendilhado na superficie, como se escopro magistral ali tivesse burilado caprichosos lavores e laçarias, dir-se-hia no seu conspecto, por uma das faces, o formoso frontispicio de uma basilica, um tanto derrocada, do mais puro typo gothico, e, para mais completa illusão, até na base sobre uns penedos, talhados em degraus, como escadaria em ruina, rasga-se um portico ogival, que dá para o vacuo, figurando-se que o interior do templo foi derruido. Moldura-se n'este portico uma deliciosa paisagem, enxergada atravez d'esta abertura. Um castello roqueiro, que se engasta no vivido esmalte do céu, corôa magnificamente o outeiro, que o mar oscula á embacadura da barra de Portimão.

E' uma scenographia esta praia singular. O areal dilata-se em semi-circulo, orlado ao fundo pelas penedias amuralhadas, como n'um palco apparatoso, descendo até á ribalta sobre o mar n'um declive suavissimo, compacto, liso, como um *parquet,* realisação perfeita do salão de praia, sem estas ciladas da areia movediça, que se introduz no sapato com impertinencias cavillosas e perturbadoras das palestras galantes.

E esta planura prolonga-se para além da orla do mar, sempre macia, sem rugosidades pedregosas, convidando o banhista a entregar-se confiadamente ao seio voluptuoso d'estas ondas, que no seu arfar caricioso tanto differem da indomita energia da vaga do norte, iracunda, intratavel, e tão azues e luminosas estas ondas, que naturalmente propendemos a phantasiar recatada no mysterio das suas profundezas ceruleas e translucidas uma esplendida flora marinha a ajardinar alcaçares feitos de rochedos e de grutas maravilhosas, habitados pelas ondinas e ornados de coraes, madreperolas e conchas finas, lembrando que esta exotica penedia da Rocha é o arcabouço desmantelado de fabuloso palacio, morada de alguma divindade do mar, posta a descoberto n'uma deslocação das aguas em temeroso cataclysmo.

Nas convisinhanças da Rocha, em qualquer ponto para onde se relanceie a vista, perspectiva-se uma formosa paisagem, um panorama attrahente, hilare nos tons esmeraldinos dos vinhedos. Salientam-se, porém, os aspectos em que a casaria da villa, o esbelto logarejo de Ferragude, alvissimo como uma ninhada de pombas, apparecendo sempre graciosissimo em qualquer dos aspectos do panorama de Portimão, e as ruinas da velha fortaleza, dão viventissimo realce a estas collinas verdejantes, que são a fimbria da tunica

pendente dos hombros gigantescos da serra de Monchique, avultando ao longe n'um horisonte opalisado na luz polychromica de um doce entardecer, e dominando sempre soberbamente os aspectos do littoral algarvio.

Ao prolongarmo-nos com o littoral para barlavento, a povoação que mais sobresahe em donaires de perspectiva é Albufeira, alcandorada em escarpadas rochas, emocionante com as ruinas do seu velho castello, que em lucta com as injurias dos seculos está ali attestando ainda as epicas origens da nossa nacionalidade.

Albufeira é uma villa moderna; da antiga povoação, derruida pelo terremoto de 1755, só ficou o castello, velho guerreiro, que oppoz inabalavel resistencia com heroica impavidez ao temeroso cataclismo.

A origem d'esta fortaleza, que os mussulmanos denominaram Abboheira, perde-se nas trevas do passado. Ainda se aventou a hypothese, se seria o *Baltum* dos romanos; mas, de positivo sabendo-se apenas pelo irrecusavel testemunho de moedas apparecidas em escavações, que foi occupada pelos godos, o problema archeologico continúa indecifravel, e o velho castello, com as suas pitto-

rescas ruinas, permanece envolto no poetico mysterio da sua origem pertinazmente cerrada no sacrario das cousas lendarias, ameaçando, impenetravelmente reconcentrado na agonia das suas ruinas, sepultar-se com o seu segredo no abysmo das ondas, que se lhe cava aos pés.

Em 1189, no reinado de D. Sancho I, e seguidamente á conquista de Silves, o Castello de Albufeira rendeu-se ao pendão das quinas. Recuperado depois pelos agarenos só em 1249 foi de novo arrancado ao jugo sarraceno e depois por D. Affonso III doado á Ordem de Aviz.

As reliquias d'este velho monumento contrastam com a povoação nova que surgio dos escombros do terremoto de 1775.

Então o mar convulsionou-se em arremettidas enfuriadas sobre as rochas da enseada, e ao tremendo abalo do cataclysmo só escaparam, com algumas casas arruinadas, as desmanteladas muralhas da decrepita Abboheira, melancholicamente debruçada do alto das pittorescas escarpas sobre o mar, que lhe vae recolhendo, como n'uma urna funeraria, as ossadas que paulatinamente se lhe despegam do esqueleto corroido pela lepra dos seculos.

Seguramente, na pesca do atum, em todas as suas modalidades, desde o arraial da armação, rustico acampamento d'esta rude milicia do mar, até ao *copejo*, é que mais emotivas impressões se suggerem ao observador dos aspectos e costumes algarvios.

Largar de Faro n'um escaler e, ao cabo de uma hora de passeio fluvial, encontrarmo-nos no vasto areal occupado pelo numeroso pessoal de uma armação de atum, é como se, de salto, um talisman maravilhoso, como a lampada de Aladino, nos transportasse á costa africana.

As choças colmadas dos pescadores, armadas irregularmente, só na fórma, que não é circular, differem das cubatas. Uma abertura conica serve simultaneamente de porta e janella, resguardada apenas por uma cortina de esparto, que se enrola e desdobra como um *store*. Ranchos de creanças, carnudas e sadias, vivos documentos da actividade prolifica das populações maritimas, retouçam-se na areia ou apinhoam-se ás portas, mirando-nos com ares attonitos, aconchegando-se das saias das mães, em attitudes de silvestre desconfiança, formando grupos graciosos, mas de um pittoresco rustico.

As mulheres cosinham, aguardando o regresso dos homens, que foram á lide do mar. As cosinhas são exteriores ás choupanas, por asseio e precau-

ção contra incendio. A meio de uma fossa circular, resguardada por uma sébe de matto, arde a lenha, onde pousam a marmita de ferro e algum vaso de barro grosseiro, lar singelo, digno dos tempos primevos.

Fixa-se a nossa attenção n'uma mocetona de esplendida carnação, soberbo modêlo de bacchante, ou amazona antiga, ainda bella, apesar de requeimada de sol e ar marinho, a emergir aprumada da cavidade culinaria, n'uma attitude forte, esculptural.

Emmoldurada n'este scenario selvatico, é typica esta figura. Expande-se-lhe a physionomia n'um bom sorriso, franco e simplorio; os cabellos despenteados, esparsos pelas espaduas, ainda mais lhe accentuam o barbaro aspecto.

Em meio do arraial, sobresahe um cabana de maior formato, colmada tambem; remata-lhe o frontespicio uma tosca cruz de pau e guarnece-a o appendice de uma sineta.

E' a *capella.*

Uma camada de matto atapeta o pavimento até ao altar de madeira, onde destaca a esculptura rudimentar de um Christo crucificado sobre um fundo de panninho vermelho desbotado, debruado a galão de ouro mareado.

Sobre o colmo das paredes resahe apenas o ornato de uma estampa, que representa Santo

Antonio, e, ao defrontarmo-nos com a effigie do popular thaumaturgo, não nos atrevemos a desacatar com o mudo epigramma de um sorriso irreverente o piedoso fervor com que alli foi posta esta téla, de factura artistica tão ingenua.

O santuario humilde condiz com todo este estranho scenario; a illusão é completa; nem sequer falta a capellinha dos missionarios e julgamo-nos transportados a alguma nesga mal desbravada da Africa adusta, onde despontassem os primeiros arreboes da civilisação, sob os auspicios evangelisadores da signa redemptora.

Mas ainda mais interessante se nos antolha o aspecto do arraial, quando, em acatamento da antiga usança, é celebrada a ceremonia da benção dos apparelhos de pesca, antes de lançados ao mar.

E' tocante esta solemnidade, de uma simplicidade patriarchal, repassada d'essa uncção de fervorosa e sincera fé, que ainda hoje está arreigada no coração das populações da beira-mar.

E a bonhomia antiga d'esta férvida crença é tão grandiosa como commovente.

Estes grupos de rude gente do mar, assistindo á benção dos instrumentos da sua faina maritima, n'uma postura de respeito e devota convicção, que emana como perfume de poesia do intimo das purezas d'esta sincera crença, esta rustica capellita,

despojada de magnificencias cultuaes, mas grandiosamente engastada nas pompas de uma natureza esplendida, sob a fulguração de um céu azul, como deve ser o da Judeia, que cobriu o berço do Salvador, as orações do padre casando-se com a eterna psalmodia do mar—imprimem a toda esta scena um vago encanto, que põe em vibração toda a nossa emotividade.

O pensamento irresistivelmente avoeja ás éras da primitiva simplicidade christã, mais apropinquada do vulto luminoso do Redemptor, magestoso e sublime na singeleza da sua catechese entre os humildes para crear um reino que não é d'este mundo.

E' preciso presencear um *copejo* para se experimentar a impressão, porventura mais suggestiva e vibrante, que se póde levar do Algarve.

Não nos faremos cargo de uma descripção detalhada d'esse acervo de pesadas ancoras, ferros, cabos de aço galvanisado, grossos calabres, cordames e resistentissimas rêdes, que constituem a submarina fabrica, gigantea e complexa, de uma armação de atum. Remettemos o leitor, que deseje um conhecimento minucioso d'estes apparelhos, para o interessante livro do snr. Baldaque da Silva *Estado actual da pescaria em Portugal.*

Aqui, d'esse machinismo complicado só reproduziremos o que importa ao nosso intento, tentando um esboço descriptivo, sob o seu aspecto pittoresco e emotivo, de um *copejo,* singular espectaculo que é usual no Algarve denominar-se *tourada maritima*, sem que, diga-se de passagem, possamos atinar com os pontos de paridade em que vislumbrem visos de justeza para o confronto.

Para se apreciar a importancia de uma armação de atum, basta saber-se que o seu valor, abrangendo embarcações, arraial, rêdes, entralhações e ferros, oscilla entre 12:000$000 réis a 24:000$000, conforme o systema adoptado e a posição em que é lançada.

A do cabo de Santa Maria, a mais dispendiosa, porque a força das correntes demanda mais poderosas amarrações, está avaliada em 24:000$000 réis.

Compõe-se uma armação de tres partes principaes—*corpo da armação, guia e rabeira.*

O *corpo da armação* é o espaço central, circuitado de rêdes, excepto por um lado que se chama a bocca da armação. E' n'esta zona que se executam as principaes operações da pesca.

As outras duas partes da armação—*guia* e *rabeira*—servem para encaminhar o peixe para a bocca da armação. A primeira é uma grande malha de rêde, que se interna pelo mar, a segunda é

outra malha de rêde, que fecha pelo lado de terra a zona maritima limitada pela *guia*.

O atum é um peixe excessivamente timido; qualquer obstaculo o sobresalta; a mancha de uma nuvem a reflectir-se nas ondas o afugenta.

E' por isso que um mar turvo e barrento é contrario á pesca do atum e d'ahi a phrase proverbial na giria maritima — *mar de atum,* quando as ondas dormentes refrangem na sua translucidez, como n'um espelho limpidissimo, o intenso azul do céu algarvio.

Esta timidez é um valioso auxiliar para encaminhar as victimas ao theatro da carnagem. Conhecido o habito do atum seguir o rumo de léste ou suéste, a disposição da armação obedece a essa directriz, de modo que a *guia* e a *rabeira,* apresentando-se como obstaculos, de que o peixe se arreceia e desvia, são a cilada que o impelle a encurralar-se no *corpo da armação,* que se compõe de tres partes — *camara, bucho* e *copo.*

E' muito complexa a composição d'estes tres apparelhos integrantes de uma armação; mas, para o nosso intento, basta saber-se que, ao approximar-se o peixe da bôcca da armação, é lançada ao mar com toda a presteza uma rêde de bordo de um barco, bom corredor, que com ella vae seguindo rapidamente e compellindo o peixe a entrar no corpo da armação.

Dous barcos mais lançam outras rêdes, que vão *correndo* ou *coando* a *camara* e o *bucho,* e acossando, d'esta arte, o peixe até o internar no *copo,* que é o campo de batalha para onde converge toda esta tactica.

No *copo* ha as portas, feitas de rêdes verticaes, que servem para o fechar.

Quando os barcos com as suas rêdes varredouras estão proximos do *copo,* arria-se a porta de cima, e o peixe perseguido, defrontando-se com aquella abertura, por ella invade o *copo,* e os tripulantes, vendo ou suspeitando o ingresso da presa, içam subitamente a rêde da porta, ficando o peixe encarcerado.

Feito isto, resta travar a peleja. Para se iniciar o combate postam-se tres barcos sobre as portas; de bordo executa-se a manobra de ir levantando a rêde do *copo,* e com esta operação se vae constrangendo o peixe encurralado no bojo da rêde a surdir ao lume d'agua.

Outros barcos, com os combatentes aprestados para a lucta, circumdam o *copo,* n'uma disposição estrategica de assedio.

Conhecido o campo de batalha e a disposição das forças combatentes, vejamos como se succedem as peripecias d'este curioso espectaculo.

Foi por uma deliciosa madrugada em principio de Junho, de uma serena benignidade atmospherica, quando o sol algarvio não nos morde ainda implacavelmente com os seus aguilhões de fogo e ouro.

Um lindo escaler, branco como um cysne, levava-nos rapidamente, ao impulso de quatro robustos remadores, á hora em que a branca casaria da cidade, mal desperta, se perspectiva ao largo da ria, já nitidamente recortada no esmalte do horisonte, aguarellado n'uma luz doce e macia, diluida n'um colorido roseo e delicado, em que se nimbava gloriosamente a promettedora aurora de um dia fulgente.

A breve trecho, empinava-se o barco no dorso das vagas, que se cavavam fundo ao transpôr-se a barra do Ancão, e, vencido o obstaculo heroico para a nossa inexperiencia nautica, balouçados mar dentro sob a caricia de uma deliciosa brisa salina, já então era vivida e intensa a luz do céu algarvio, esta magica luz que é a vida, o fulgor e a magnificencia da paizagem n'estas regiões; o azul, este inacreditavel azul, côr de hortensia, accentuava-se rapidamente na sua exuberancia de brilho e colorido, reflectindo-se em hilariantes espelhamentos no vasto mar, que nos ia adormentando n'uma larga e mansa ondulação, até que, ao cabo de duas horas, avistamos o traço negro

dos barcos da armação do cabo de Santa Maria, como um aro de ferro encravado na amplitude glauco-cerulea do Oceano.

Encurralado o peixe, os pescadores, em fila sobre a borda dos barcos postados sobranceiramente ás portas, já tinham começado de levantar gradual e lentamente a rêde do *copo,* constrangendo o peixe a remontar á superficie da agua.

E' demorada e fatigante esta operação, obrigando os tripulantes a uma esforçada attitude de energica e longa tensão muscular. N'uma necessidade de expansão para aligeirar a violenta fadiga, os marinheiros prorompem em gritos retumbantes e excitam-se mutuamente, no ardor da penosa faina; o apito do *mandador* regula a manobra e a cada silvo responde uma vozearia barbara, em urrante *crescendo,* como que um alarido de selvagens que se concitam ao combate, e tanto mais troante de enthusiasmo, quanto mais abundante fôr a pesca em perspectiva.

A tripulação de cada barco tem no producto da pesca um quinhão que está na razão directa do maior numero de peixes que *copejar*, e então, quando presentem o bôjo da rêde abarrotando de uma massa irrequieta de 600 ou 700 atuns, é que o berreiro attinge a nota aguda do alvoroçado jubilo.

Em outros tempos de maior abundancia d'es-

ta pescaria, custava um atum 1$000 réis, e as *copejaduras* eram aos milheiros. Hoje um atum custa 10$000 réis.

A espectativa de um lucro convidativo põe em delirio estes rudes trabalhadores do mar, e experimenta-se uma boa sensação perante a excepção unica á sobriedade de emoções, que no Algarve é um estado de alma normal e inalteravel, de uma monotonia fastidiosa, como a natureza, que nos circumda e, por fim, nos fatiga com a sua implacavel uniformidade.

Quando o *copejo* é de molde a electrisar a fleugma algarvia, os musculos retesam-se então com mais affinco n'aquella phalange de braços possantes, resaltam entumecidos n'um esforço uniforme e a rêde lá se vae alando lentamente, pesadamente, como se aquillo fôra o ventre de um monstro aquatico, prenhe de alimento marinho, extrahido do fundo do mar por braços herculeos, n'um arranque supremo.

Mas o labor é penoso e prolongado, e a impaciencia do espectador novel ascende ás culminancias da anciedade e do frenesi, emquanto que os *copejadores,* plantados no seu posto com athletica firmeza, como gladiadores aprestados para o combate, com a mão esquerda solidamente agarrada a um cordame, empunhando vigorosamente na dextra o *bicheiro*—um ferro de palmo e meio, termi-

nado em gancho e preso ao pulso por uma corda —espreitam, com olhos ávidos, os primeiros indicios da approximação da presa, até que, n'um esforço derradeiro e supremo, em meio de um alarido trovejante, a superficie tranquilla do mar effervesce e logo se revolve n'um vortilhão. Aqui e além as caudas dos atuns surgem á flôr da agua, como laminas afiadas; os peixes, em sobresalto, estonteados como sêres pensantes desvairados de medo, agitam-se e cruzam-se precipitadamente em todas as direcções, revolvendo as aguas em vortices espumejantes, e o turbilhão recresce, como se o mar ali fôra batido por dezenas de helices, ao mesmo tempo que estes cardumes de atuns, n'um espadanar desvairado, tentam em vão a fuga, esbarrando-se de encontro ás ilhargas dos barcos, que vão apertando o cêrco.

Então entram em actividade os *copejadores,* e é de vêr-se, em meio do vozeamento e do marulho das ondas revoltas, o aspecto d'aquelles vultos athleticos a agitarem-se na faina violenta de harpoar aquelles peixes enormes, disputando á porfia, e sem tréguas, o maximo quinhão nos despojos do combate.

Curva-se o athleta á passagem do peixe, vibrando a fisga, uma e mais vezes, até lh'a cravar fundo. Se no accêso da lucta o ferro escapa da mão, fica suspenso do pulso, e o combatente, acto

contínuo, arma-se logo para proseguir na encarniçada peleja.

Mas quasi sempre o peixe fica harpoado e pasma-se de vêr como braço de homem move, alevanta e arremessa para dentro do barco um animal escabujante, cujo peso médio varía entre 120 a 150 kilos.

Apparecem atuns, raros, com peso superior.

E' n'esta operação de fisgar o peixe que reside o segredo da arte de *copejar;* sem essas pericia e destreza, seria proeza impossivel para pulso humano metter dentro do barco animal tão corpulento, no acto de se debater em desesperadas convulsões.

Mas a habilidade consiste precisamente em aproveitar com efficacia os movimentos vibrantes, nervosos e potentes do animal que estrebucha, movimentos que para um inesperto, que não seja um Milão de Crotona, seriam um obstaculo invencivel.

O pescador algarvio tem o condão de combinar habilmente o esforço do seu braço com os estertores da presa, constrangendo-a a armar o salto para dentro do barco, aos impulsos do proprio escabujamento.

Em todo o circulo assediante, que aperta as victimas n'uma defeza desesperada, em espaço cada vez mais reduzido, a esforçada façanha do

copejo, reforçada depois pelos tripulantes libertos da faina de alar a rêde do *copo,* repete-se incessante, infatigavel, n'um encarniçamento de lucta bravia, até que, no auge da mortandade e no mais renhido do combate, o espectaculo é verdadeiramente atordoante para quem o presenceia pela primeira vez.

Fascina aquelle *vaivem* frenetico de corpos que se curvam, erguem, arremessam para traz, na attitude esbelta e athletica de impellir o peixe com energico esforço para o interior do barco; repercute-se-nos estonteador no cerebro um estrepito irritante, mixto de berreiro humano, de marulho de vagas e de latejos potentes de caudas que se entrechocam em duras martelladas; algumas vezes é o peixe possante que derruba o adversario, arremessando-o ao mar ou para dentro do barco, onde se revolve n'uma accumulação de atuns sacudidos em convulsões e o aspecto estranho e barbaresco d'estes combatentes escorrendo agua, que espadana para todos os lados, salpicados de sangue, que verte abundante dos peixes golpeados e tinge a agua de um negro sanguinolento, dá-nos a vertigem da carnagem, ao passo que nos zumbe cavernosamente nos ouvidos o ruido que nos vem d'aquelles acervos enormes de atuns, entrechocando-se em estertores de agonisantes.

Ao balouçar do barco na agua revolta recresce o nosso atordoamento, e um cheiro nauseante, mixto de emanações de sangue derramado, de maresia e de limos marinhos em decomposição, adherentes aos barcos e apparelhos de pesca, dão-nos engulhos que nos deixam lividos e semi-mortos de enjôo, ao relaxar-se, no fim da lucta, a tensão nervosa que nos prendia embevecidos á contemplação do estranho espectaculo.

Depois, já bem distanciados, resoava-nos ainda no ouvido cavernosamente o fragor da peleja, ao mesmo tempo que a visão da carnificina sarabandeava na retina em lampejos sanguineos.

E, ao escaparmo-nos d'aquelle aturdimento pandemoniaco, mais arreigada nos fica a convicção do que já passa por aphorismo sobre viagens: — o melhor gôzo é a reminiscencia do que se viu, e não a impressão experimentada no acto de vêr.

VI

Arredores de Faro — De Faro a S. Braz e Loulé — Vislumbres da paizagem do Minho e aspectos levantinos — O typo feminino algarvio — Trigueiras e louras — Confrontos com o norte do paiz — Traços sobre o caracter e temperamento do algarvio — Pontos de contacto com a Andaluzia — A reconcentração da vida provinciana e o soalheiro indigena — A festa do 1.º de Maio — O «Maio» de Lagos

O PERCURSO em trem descoberto de Faro a S. Braz, seguindo pela estrada de Loulé, é um dos passeios em que melhor se póde ajuizar dos primores da paizagem nas cercanias da cidade, em meado de Abril ou principio de Maio, em quanto a temperatura consente jornadear de dia, e não esmorecem, ao halito calcinante dos ardores estivaes, o viço e o colorido da vegetação primaveral.

Sobretudo entre Estoy, S. Braz e Loulé ha relanços do pittoresco minhoto.

De Estoy a S. Braz o panorama vae-se desenrolando n'um terreno accidentado, em que se succedem sempre variadas as perspectivas de um bello pittoresco alpestre, sulcadas pela linha sinuosa de um ribeirito graciosamente afofado em verduras.

De S. Braz a Loulé a paizagem é mais uniforme; mas a cultura é esmerada e a vegetação opulenta, atravessando-se uma das zonas, em que melhormente se observam o aproveitamento do solo e a divisão da propriedade.

No Algarve, como no Minho, a propriedade está muito repartida; a população na sua grande generalidade é de remediados; e na escala da fortuna privada não se accusam os grandes contrastes que se assignalam no Alemtejo, onde avultam grandes fortunas plethoricas.

A indole e costumes da sociedade algarvia não podem eximir-se á influencia poderosa d'esta circumstancia, que necessariamente deve incutir-lhe uma orientação democratica e niveladora.

N'este lanço de estrada de S. Braz a Loulé rola-se constantemente por entre um esplendor de vegetação luxuriante.

A um lado e outro avelludam-se os campos na verdura tenra, vivaz e fresca dos trigaes, estrella-

dos pelos salpicos sanguineos das papoulas, n'um ridente contraste com o verde-negro das alfarrobeiras; os casaes e pequenos *cottages*, alguns afestoados de trepadeiras, engastam-se em arvoredos, encimados elegantemente por essas flechas de fórmas graciosas e variadas, corucheos filagranados, que se chamam chaminés algarvias; succedem-se n'uma superabundancia de macissos florestaes as alfarrobeiras, formosamente copadas, entremeadas pela folhagem exotica das nespreiras, possantes como arvores de grande porte, em que o fructo resalta e rebrilha em cachos exuberantes, como uma eflorescencia de ouro, e toda esta magnificencia de vegetação é alternada ainda pela viveza frescal das hortas e dos prados tapisados de flores campestres, ao passo que as figueiras colossaes, enormes pyramides de verdura, expandem até arrastar pelo solo as frondes espelhadas ao sol em todo o viço primaveral.

Uma successão de panoramas, deslumbrantes de pittoresco, equiparaveis á paizagem do Minho, mas com este cunho oriental, que lhe imprime uma arborisação caracteristica!

De subito n'esta tela, que é um oceano de verdura, ressahe um campo de myosotis — pincelada excentrica, de uma delicadeza original e exquisita, e esta mancha cerulea alastra-se pela verdura da paizagem com suavidades de lago em que

se revê o azul de céu — clamyde esplendida em que a natureza bordou o mais mimoso dos seus matizes.

Mais adiante outra nota original resalta no scenario. Uma fonte acoberta-se sob uma cupula, que assenta em quatro arcos—uma construcção com resaibos mouriscos, que dão á paizagem um colorido de aspecto levantino. E além uma palmeira, de porte esbelto e gigante, roçando a fronte emplumada pelas maciezas do azul viventissimo, completa a illusão.

Duas raparigas sahem da fonte, dando ao busto uma inclinação gracil, arqueando com garbo o braço apoiado no quadril na attitude de sustentarem os cantaros de formato oriental.

Mas ao verem-se de perto esvahe-se a miragem d'esta gentileza; as duas moças, tão graciosas a distancia no quebramento onduloso do busto, parecendo ali postas como figuras principaes de um quadro biblico, de bello só teem os olhos ramalhudos.

E' esta a feição caracteristica e saliente das algarvias — olhos negros, sobrancelhas espessas, longas pestanas sedosas que avelludam o olhar, olhos que teem a um tempo morbidezas creoulas e vivacidades andaluzas, olhos que só de per si aformoseiam um rosto de morena.

Na generalidade o typo feminino não prima

pela correcção das feições, e as mulheres do campo, tisnadas por um sol africano, tez de um trigueiro terreo, siamescas, teem um aspecto barbaro, afeiado pelo trajo sem pittoresco, e sobretudo pelo pezado e funebre chapeo de abas largas, que não é apanagio exclusivo de sexo forte e lhes incute, rematando um rosto sem graça feminil, uma apparencia insexual, que suggere a sensação desagradavel de um terceiro sexo, intermediario entre a femea e o macho.

Mas quando são bonitas, a sua belleza é picante, suggestiva; nos olhos andaluzes reluz uma vivacidade que illumina insinuantemente toda a physionomia; as carnações teem um esplendor sadio, sem os estiolamentos peculiares dos grandes centros, onde a raça se dessora e degenera, e as rosas d'estas faces, como se diria em estylo archaico e arcadico, esplendem aclarando-lhes a cutis de trigueiras.

Hoje estas faces equiparam-se ao carminado veludineo de pecego em plena maturação, e, antes de desabrocharem na eflorescencia da puberdade e da adolescencia, dão-nos uns rostosinhos deliciosos para modelos de cherubins raphaelescos.

As louras com faces de leite, em que se diluio uma gota de carmim, são a *avis-rara* do Algarve; mas ainda assim entre a turba das trigueiras destacam-se alguma vez uns cabellos de ouro cen-

drado, que emolduram um rosto niveo de feições correctas e delicadas.

Nos momentos de devaneio com miragens levantinas, a que irresistivelmente e constantemente nos impellem os aspectos do Algarve, no auge da intuspecção illusionante, insensivelmente circumvagamos o olhar em demanda do beduino com o seu dromedario. Mas para logo a tuba estrepitosa de um ornejo precipita-nos da luminosa nuvem a que se alou a nossa phantasia e cahimos atordoados em plena realidade algarvia.

Não são o albornós e o camello que se esboçam na phantasiada tela oriental; mas o que apparece em toda a crueza da realidade é a carapuça sebacea do aguadeiro ou o chapeo montez e mazorral do *montanheiro* (1), e o burrico, sempre o indispensavel burrico — tão dilecto tambem dos povos do Levante — em evidencia por toda a parte, ou sobresaltando, quando se não avista, o silencio dos campos e o marasmo dos povoados com os solfejos retumbantes, com que este reconcentrado mysanthropo usa expandir a sua melancholica sentimentalidade.

A mula e o burrico superabundam por tal guisa, que falseará a verdade a reproducção de qualquer aspecto algarvio sem a intervenção d'es-

(1) E' com este plebeismo que no Algarve se designa o habitante das povoações ruraes.

tes prestantes e indispensaveis auxiliares do indigena.

O boi, o boi que se apascenta nedeo e anafado nos almargens do Minho verdejante, onde a agua borbulha palreira por toda a parte, como um sangue fecundante e vitalisador que circula pelas arterias da terra, desentranhando-se em feracidades e orgias de vegetação, não medra aqui n'estas terras adustas e ressequidas, onde prosperam o figo e a alfarroba.

Essa natureza luxuriante, essa pujança de seivas que se desatam hilares pelos valles e pelas encostas em decorações de inexcedivel pittoresco, são por sem duvida um dos factores, que mais poderosamente influem no caracter expansivo, energico e jovial das populações minhotas. O minhoto, como o beirão, é vivaz, impressionavel, sentimental, facil em emocionar-se, e tão accessivel ás subitas explosões da colera e da indignação, como susceptivel das largas expansões da bondade, da generosidade e do altruismo.

Que contraste entre esta indole prodiga de enthusiasmos, aberta a todas as emoções, e o caracter da gente do sul apathica, reconcentrada, altiva e merencoria!

Com estes predicados a população algarvia não é turbulenta, e da exiguidade do contingente com que concorre para a estatistica criminal poder-se-

ha inferir que no seu caracter ha um grande fundo de bondade, se porventura esse resultado não houver de ser attribuido de preferencia a invenciveis propensões de indolencia e *lazzaronismo*.

As influencias de meio e de temperamento contrariam-lhe as grandes energias da actividade physica ou mental, e d'esta inercia póde resultar incapacidade para o mal como para o bem, de par com esta sobriedade em impulsos de generoso enthusiasmo e de expansão communicativa, a qual é ainda resultante da altiveza de caracter.

O algarvio tem o orgulho como que herdado dos povos, que por mais tempo prolongaram o seu dominio n'esta parte da peninsula, e com essa altaneria conjuga-se um cioso desvanecimento de todas as cousas do ninho natal, vivendo contente na consoladora e vaidosa illusão de superioridades preconcebidas, e afervorando-se em devotos desvanecimentos pelas cousas da sua provincia, como um bom patriota abrazado em amor e orgulho nacional.

E n'esta intima satisfação se refugia, dispensando-se de reagir pelo esforço e pelo trabalho contra as influencias de meio e temperamento, e de se febricitar em aspirações de progresso e aperfeiçoamento.

D'esta generalidade de caracter o observador

destaca ainda uma variedade typica e saliente; é o algarvio enxertado no andaluz.

Entre a Andaluzia e o Algarve, sobretudo para sotavento, palpam-se irrecusaveis pontos de contacto; a approximação estabelece entre as duas provincias traços de união sob o imperio de influencias communs, e da vivacidade andaluza, como que por um phenomeno de repercussão, faiscam por vezes lampejos no apathico algarvio.

Não raro se deparam interessantes exemplares, em que se alternam torpidas indolencias com subitas vivacidades, explosões de enthusiasmo, irrepremiveis arrebatamentos, embora ephemeros como subitaneas labaredas de palha, e por vezes vehemencias de loquaz dicacidade, incontinencias de loquella mordaz, unico orgão susceptivel de actividades, que aliás tão notavelmente briga com a caracteristica inercia.

D'esta loquacidade ingenita, proverbialmente symbolisada na picante anecdota dos remadores de D. João VI, resulta que o lendario soalheiro nacional assume as respeitaveis proporções de uma instituição, e como este fogo sagrado ainda mais se ateia ao sopro irritante da politica reles, como a entendem e praticam as facções e os corrilhos com requintes de protervia nos burgos pôdres, succede que para os não acclimatados se torna difficilmente respiravel, por viciada e me-

phytica, a atmosphera moral de uma terra aliás em excellentes condições de *vita vitalis* na phrase dos antigos.

Na sua grande generalidade a nossa vida provinciana define-se na synthese d'estas duas caracteristicas proeminentes — reconcentração incommunicativa e maledicencia.

Comprehende-se a reconcentração sem maledicencia dos inglezes, que, vivendo dentro de nevoeiros, sequestrados dos grandes festivaes da natureza nos paizes meridionaes, dos aspectos da paizagem ridente, do ar ceruleo e vivificante, dos dias gloriosos, vibrantes de sol, se retraiam no doce *at home*, se aconcheguem no conforto caseiro, prolongando as voluptuosidades da boa meza, alegre no matiz das flores e na scintillação dos vinhos, ao calor reconfortante do fogão amigo, engolphando-se nas seducções da vida intima bem equilibrada sob a influição amoravel do anjo do lar.

Mas o que se não comprehende é o marasmo da nossa inconvivencia provinciana, este enclausuramento lareiro, tão nocivo á saude do corpo e da alma, sem a compensação dos attractivos do conforto domestico, este emparedamento merencorio, refractario aos encantos de uma natureza provida e clemente, que convida ás expansões communicativas e benevolentes.

D'esta insociabilidade inhospita e hostil resulta que as ardencias do sangue peninsular se canalisam para o respiradouro unico da lendaria bisbilhotice nacional, que brotoeja em requintes de mordacidade malevola, e como a vida provinciana é simples, extremamente simples, como o machinismo caseiro nada tem de intrincado, tambem a missão do anjo do lar indigena se simplifica equivalentemente, e em regra não entrando tambem nos seus habitos educativos o remontar á elevada comprehensão das virtudes familiares e dos primores do espirito, naturalmente os arminhos da sua aza archangelica arrastam-se enxovalhados em vôo rasteiro pelos putridos baixios da maledicencia.

Foi no primeiro de Maio que fizemos a excursão de Faro a S. Braz e Loulé, dia festivo no Algarve, mas festa como ella se entende e pratica no extremo sul do paiz, festa sem animação, sem ruido, sem alegria, festa em que só ha os risos do azul hilariante, da natureza que borbulha em possantes feracidades estivaes sob o aguilhão de um sol tropical.

A festa do 1.º de Maio é regalar a indolencia indigena em excursões pantagruelicas pelas hortas.

Póde porventura haver para o algarvio mais regalada festa do que estiraçar-se a gente á sombra da velha alfarrobeira em doce e repousado convivio com o cangirão de vinho e as vitualhas desentranhadas do cabaz?

Mas tudo isto se faz pacatamente, sem ruidos de kermesses intensas, espumejantes de francas alegrias, sem as expansões jucundas dos arraiaes minhotos irrequietos e movimentados, vibrando em descantes e bailaricos ao rythmo das violas e das guitarras galhofeiras.

No Minho ao menor prètexto, em havendo uma viola n'uma roda de cachopas e mocetões, é de vêr-se com gosto como o sangue sadio e vivaz d'esta mocidade entra logo de esfervilhar em saracoteios azougados, em descantes de uma esfusiante jovialidade madrigalesca e satyrica, em expansões de regalado riso na franca despreoccupação do bom sabor da vida.

Na larga soturnidade algarvia não resôa cantiga a quebrar esta monotona uniformidade; a voz popular, esta voz que na lingoagem commum tem accentos musicaes, emmudece para a lingoagem do canto, e no tocante a bailados ou fandangos ajuizamos das aptidões choreographicas do algarvio, presenceando uma dança em que um grupo de rapazes se movia indolentemente com passos lentos e arrastados n'umas languidas evo-

luções, que arremedavam sisudas marcas de quadrilha diplomatica, ao som narcotisante de uma banza somnolenta.

E' desconhecido no Algarve o descante — essa nota rejubilante, tão frequente nas estradas ao norte do paiz — das raparigas em ranchos folgasões ao despegarem do trabalho, entremeando a marcha lepida de um saracoteio de fandango, e fazendo dos dedos castanholas.

Ellas, as algarvias, passam pelas estradas com uma seriedade mussulmana, lugubres nas suas farpellas de côres franciscanas, tristonhas e silenciosas sob a tyrannia do chapeo esmagador, descerrando os labios apenas para estimular de quando em quando a andadura do inseparavel e indispensavel companheiro com a apostrophe invariavel do — *arre burro*.

Sobretudo para barlavento, em Portimão e Lagos, a festa do 1.° de Maio pratica-se com um rigor de domingo britannico. Fecham-se todas as portas, todos se ataviam no fato domingueiro e vão espanejar-se em ranchos pelas hortas. Almoçam, jantam, espreguiçam-se á sombra das arvores, embriagados pelo perfume dos laranjaes e pelos philtros entorpecedores d'esta primavera algarvia que borbulha em seivas de uma vitalidade intensissima.

As creanças, os carros, os burricos enfeitam-

se de flôres; o *Maio* surde aqui e além, excentrica usança! sob a fórma de um manequim vistoso, mirabolante, á janella do pobre n'um aspecto picaresco de pelintra remendão, em casa do rico por egual grotesco, mas espaventosamente ajaezado.

De qualquer cousa se improvisa um *Maio;* um travesseiro, um cabo de vassoura, a que se applica uma mascara chocarreira; atavia-se com as mais espectaculosas farpellas, e assim asseado o *Maio* estadeia-se ás janellas carnavalesco, berrante de côres.

Em Lagos muitas familias concertaram uma vez embonecar um *Maio* com pompas desusadas, um *Maio* unico, que assignalasse a data mais conspicua nos fastos dos *Maios* mais famosos da provincia. E assim succedeu.

Engalanaram não um titere, mas um verdadeiro marmanjo em carne e osso, que percorresse a cidade a cavallo triumphalmente, e todos á porfia enfeitaram o mocetão com as suas melhores joias. Arrecadas, brincos, grilhões, braceletes, broches constellavam magnificamente o vivo manipanso, que vergava ao peso de tanto ouro e luzia como um idolo japonez de ouro macisso.

No auge da festa, em momento azado de despreoccupada distracção, esporeado valentemente o bucephalo, o espaventoso *Maio* sumiu-se phantasticamente como n'um sonho de ballada!

Desde então em Lagos ninguem falla do mez de Maio, como quem discretamente não falla de corda em casa de quem escapou á forca, e para os lagoenses o formoso mez passou a ser, por uma engenhosa metaphora — o mez que ha-de vir.

Mas vingou-se o intento. O grandioso *Maio* conquistou a immortalidade dos epicos legados, que se transmittem aos posteros na successão inquebrantavel das tradições impereciveis.

VII

As procissões em Faro — As procissões da Misericordia e de S. Sebastião — O jardim e as thermas romanas de Estoy — O pittoresco de Tavira e Loulé — Villa Real de Santo Antonio e o Marquez de Pombal — Monte d'Ouro degenerado em Monte-Gordo — O typo algarvio-andaluz accentua-se em Villa Real — Olhão e a sua actividade laboriosa — A celebre «Barrêta» — O lendario arrojo do marinheiro olhanense

Em nenhum outro ponto do paiz é porventura maior a superabundancia de procissões do que em Faro, e os farenses orgulham-se do luzimento d'estes actos religiosos com aquelle seu cioso e caracteristico desvanecimento, aliás justificado a respeito de tantas cousas boas da sua provincia.

Mas a verdade é que essas procissões, com os seus pequenos andores, que em confronto com os

andores monumentaes da cidade da Virgem passariam por brinquedos de creança, são destituidas de esplendor, pompa ou grandiosidade, sobretudo aos olhos de quem está habituado á imponencia sumptuosa d'estas solemnidades, sobreexcedidas sómente pela capital do orbe christão, no velho Porto sisudamente burguez e catholico, cuja physionomia genuinamente nacional foi propellida para os poeirentos museus das cousas archeologicas e lendarias pela moderna transformação incaracteristica, banal e decadente, dos costumes publicos.

Na quaresma as procissões succedem-se a miude. Ha uma nocturna, a cargo da Misericordia, de grande devoção na terra, que se exhibe com lugubre imponencia.

Em vez de tochas os confrades, envergando balandraus rôchos, com as cabeças rebuçadas em capuzes, empunham umas varas, em cuja extremidade superior arde uma vela dentro de uma campanula de papel, e no fecho da procissão agrupam-se os cidadãos mais grados, que marcham tambem encapuzados, com uns ares respeitaveis de penitencia, em passo lento e solemne na cadencia dolente da marcha funebre, que vae soluçando as suas notas doloridas, em quanto que as damas farenses nas janellas, onde tremeluzem lanternas tristonhas, assistem ao lugubre desfilar com

fervido recolhimento, contemplando algumas com lagrimas de pia compuncção a imagem do Salvador avergado ao peso do ignominioso lenho, docemente resignado com o seu sublime martyrio redemptor.

Este pio compungimento das damas farenses, o respeitoso silencio do povo, o cortejo processional d'estes encapuzados, o lucilar das lanternas na treva, os lamentos da marcha funebre, todo este lugubre aspecto de penitencia, constituem um conjuncto de notas emoventes, que nos evocam nitida a physionomia do velho Portugal nas suas horas devotas de beata sisudez fradesca.

Sob outro aspecto a procissão de S. Sebastião é uma das curiosidades de Faro, não que ella se assignale pela pompa das decorações, pelo primor das imagens, estadeando vestes e mantos roçagantes de sêda e velludo, recamados de ouro, pela opulencia emfim e grandiosidade de todos os accessorios desde os estandartes colossaes, assim talhados em formato descommunal quando o pulso lusitano era de boa lei, até aos pallios scintillantes de bordados.

Nada d'isso. Estamos em presença de uma pobre procissão de aldeia, que nem sequer se distingue pelo apparatoso espectaculo das procissões nos burgos minhotos, com andores berrantes de

eflorescencias artificiaes e vidrarias espelhadas, que faiscam ao sol.

Tambem esta procissão é nocturna; mas, ao invez da outra, movimentada e turbulenta. O que a caracterisa é um episodio popular, em que a ingenua devoção dos pescadores põe a nota original e pittoresca da sua rudeza boçal, mas palpitante de sympathica sinceridade.

Ao cahir da noute o santo é levado processionalmente da sua capella para a Sé Cathedral, passando pela praça de D. Francisco Gomes, onde é saudado na sua passagem n'um côro de ovações berradas, ululadas, como as sabem berrar e ulular as guelas formidaveis, trovejantes, d'estes lobos do mar na sua exaltação de barbaro fanatismo.

As creanças empunham lanternas multicores e os pescadores brandem archotes; o povileo invade a praça aos milhares; de todas as ruas vão affluindo as luzernas coloridas, tremeluzentes como grandes pyrilampos, bruxoleantes como fogos fatuos. Os clarões rubro-fumarentos dos brandões entremisturam-se a este pintalgado de fogachos, cruzando-se e revoluteando como n'uma dança macabra de fulguração estonteante.

S. Sebastião é o santo popular de Faro, o amigo predilecto dos pescadores; como S. João e S. Antonio ao norte do paiz, é o patrono, o inter-

mediario para as superiores estancias celestiaes, e naturalmente na festa do santo amigo o fervor devoto expande-se com toda a ingenuidade enthusiastica da alma popular, e com aquella rude semcerimonia privativa das classes incultas e semibarbaras.

E' n'estas festas tradiccionaes, arreigadas secularmente no coração das gerações que irrompe com toda a sincera expontaneidade a seiva quente, fecunda, do sangue peninsular.

Por isso em Faro as massas populares sacodem a habitual inercia, quando o santo querido transpõe os umbraes da sua capella em visita processional aos seus amigos. E todos se agitam n'um grande afan, todos se alvoroçam e atropellam de olhos postos enternecidamente no seu dilecto S. Sebastião, que do alto do andor agradece com sympathica complacencia a festeira algazarra, o alarido enthusiastico e victoriante que esta turba, como que possessa de um ardor fanatico de selvagens, ejacula urrando:

Viva S. Sebastião com a sua laranjinha na mão!

Viva S. Sebastião que nos deu vinho e hade dar muito pão!

O berreiro das ovações é acompanhado de gestos de enurgumeno; os archotes agitam-se freneticos em sulcos luminosos, como se no ar ondulassem cobras de fogo, traçando arabescos relam-

pejantes, serpenteando por entre a sarabanda irrequieta das lanternas, que tremeluzem n'um chromo luminoso e movimentado.

E aquelles vultos em cardumes, negrejando na treva por entre esta illuminação phantastica, dão-nos ao mesmo tempo uma sensação de pezadello, torturante na illusão de um sabbá infernal.

Hoje o estranho espectaculo mudou de aspecto, os archotes e os berros selvagens dos pescadores desappareceram; poz cobro á irreverencia religiosa um illustrado e austero Prelado. Mas as tintas da téla empallideceram; o melhor do effeito pittoresco apagou-se e deliu-se o relevo da sua feição mais typicamente popular e original.

Ficaram só as lanternas; esvaíram-se as côres violentas e intensas, transfigurando-se o quadro n'um aspecto mais delicado.

Mas se já não ha fauces a escancararem-se em urros marinhos, se com a linda *feérie* mais baça e descolorida, já não se alterna o contraste emocionante dos sanguineos brandões, sarabandeando em macabro delirio, e como que levando endiabrada desordem a um bailado de gnomos travessos que saltitam á luz de enormes pyrilampos, ficou essa movimentada illuminação veneziana, luzindo n'um esfervilhar iriado, como que n'uma scenographia de pantomima bailada.

Ao esconjuro prelaticio sumiram-se os pesca-

dores com os seus arranques demoniacos, e ficaram as creanças, figurando n'uma dança phantastica de duendes, e assim expirou a nota mais pittoresca, mais hilare, que esfusiava ao menos uma vez por anno na macambuzia monotonia algarvia.

E com este successivo desapparecimento dos costumes tradicionaes vão-se espungindo os traços caracteristicos e originaes da physionomia nacional, ao mesmo tempo que se dessora e lymphatisa o rubro sangue portuguez, que como nenhum outro latejou potentemente em impulsos irresistiveis, indonitos, para as vividas crenças e cavalheirosos commettimentos.

A estrada para Tavira proporciona um dos mais pittorescos passeios que se podem fazer no Algarve. Traçada na extensa planicie que costeia o littoral vae-se desdobrando n'uma successão de formosos aspectos entre a orla argentea do oceano e uma cortina de longinquas montanhas, onde as manchas de rareados arvoredos destacam cruamente nas clareiras do terreno amarellado, semelhando massiços de verdura nos arruamentos areados de um parque.

Extensos tratos de terreno onde se alinham as figueiras em longas filas n'um simulacro de

avenidas infindaveis, hortas frescas e vicejantes, pomares, onde avulta e sobresahe a verdura esmaltada dos laranjaes e das nespreiras, cuja eflorescencia embalsama o ambiente, dão a todo o trajecto um encanto que amenisa a jornada.

Depois os cactos que orlam de quando em quando a estrada, as palmeiras esbeltas e altas como torres, que no arremesso de seu porte elegante vão engastar-se graciosamente n'este imperturbavel azul algarvio, as chaminés brancas de neve, que vão esburacando com os seus elegantes perfis de minaretes os macissos de verdura, todas estas exoticas caracteristicas da paizagem do Algarve vão-nos embalando, atravez d'esta estrada plana e ridentissima de pittoresco, no inevitavel devaneio de uma peregrinação levantina, até despertarmos dentro de Tavira, que nas louçanias dos seus aspectos exteriores nos compensa do desprazer de não pisar a terra santa, que entre-sonhamos n'uma fuga da phantasia.

O mais bello d'esses aspectos resalta á observação do forasteiro, em chegando á antiga ponte de cantaria, com sete arcos, reconstruida em 1870.

As formosas margens que esta ponte liga, a praça, o jardim publico tratado com esmero, o excellente mercado, o edificio dos paços do concelho, á margem direita do rio, as torres, as cupulas, as casarias molduradas em verduras, decora-

ção opulenta que se entremeia pela povoação e a contorna magnificamente em macissos de arvoredo, os fragmentos das velhas muralhas derrocadas, e mais desmanteladas ainda pela expansão das modernas construcções, fazem de Tavira, em todo este conjuncto, a povoação mais graciosa e pittoresca do Algarve.

E' antiquissima a cidade de Tavira, tão antiga que a sua origem se perde na noite dos tempos, tão antiga que, embora se esteja em presença de uma opinião sem fundamentos solidos, se pretendesse remontar-lhe a geneologia á *Balsa* dos romanos.

Historicamente nos fastos da sua chronica a pagina mais brilhante é o feito de D. Paio Peres, que no dia 11 de junho de 1242 a conquistou aos mouros, no reinado de D. Sancho I.

Com a tomada de Tavira está intimamente ligada a tradição, que inspirou primorosos versos a Garrett no seu poema *D. Branca,* da barbara perfidia sarracena, que inflammou o esforçado animo do mestre de S. Thiago em vingadora indignação, instigando-a a investir a praça sem mais detenças com encarniçado ardor.

Na egreja de Santa Maria, mesquita antes de consagrada ao culto christão sob a invocação da Virgem, em frente do sarcophago do valoroso capitão portuguez, embutido na parede da capella-

mór, lá se nos deparam tambem as sepulturas dos sete cavalleiros da hoste de D. Paio, symbolisados por sete cruzes vermelhas da Ordem de S. Thiago em campo dourado e trucidados pelos agarenos traiçoeiramente nos arredores de Tavira, quando despreoccupadamente se entregavam a diversão venatoria, confiando na pactuada tregoa de hostilidades.

Tavira, elevada á cathegoria de villa por D. Affonso III e á dignidade de cidade por D. Manoel, conquistando valiosos privilegios por serviços prestados pelos seus habitantes nas campanhas d'Africa e na perseguição da pirateria que infestava os nossos mares, attingiu uma importancia, que lhe valeu a regalia de ter assento em côrtes no segundo banco, e essa importancia foi accrescentada pela florescencia commercial, que então facultava o seu porto de facil accesso.

Decahiu depois d'este engrandecimento, e para este abatimento concorreu com largo contingente o terremoto de 1755, que derrocou templos e arrasou ruas e edificios.

Na capella dos Terceiros do Carmo, que se distingue pelo excellente aspecto da sua construcção, como se destinguio a de S. Francisco pelo primor dos seus lavores, que desappareceram n'um incendio, são dignos de menção alguns quadros de Rasquinho, um pintor algarvio de alguma valia.

A' fertilidade do solo do Algarve e ás excellencias do seu clima não correspondeu a natureza, nos dominios da arte, com egual prodigalidade em exuberantes eflorescencias geniaes.

Verdade é que compensou em intensidade a mesquinhez em extensão. O nome glorioso de João de Deus dá o que basta para honrar eminentemente uma provincia.

Estoy é uma aldeia deliciosamente verdejante a oito kilometros de Faro.

A tão curta distancia da sede da provincia, depois de nos habituarmos aos aspectos da agoa, a *alma mater* da paizagem viçosa e primaveral, a espraiar-se sómente na ria lodosa ou içada prosaica e parcamente dos poços em baldes municipaes ou caseiros, este ninho de verdura na uniformidade fatigante e monotona dos renques de figueiras, surge como um oasis consolador com os seus mananciaes, que alimentam, em exuberancias de pittoresca fertilidade, arvoredos e vegetação.

Graciosissimo o aspecto paizagista d'este pequeno eden com a sua ponte entre macissos de arvoredo, com as ruinas das suas thermas romanas, com os seus outeiros verdejantes, onde gesticulam moinhos alegremente, com tantos accesso-

rios de molde talhados a arrancar a um pincel amestrado pequeninas telas, em que a natureza palpite de vida com todo o realce e resplendor de luz e colorido de céu algarvio.

Entre esses accessorios resalta logo á vista, no accesso á aldeia, uma construcção de estylo elegante, emergindo de um tufo de arvoredos.

E no assombro de toparmos com edificio de tão gentil architectura em povoação tão rustica, pozemo-nos afanosamente em demanda da enygmatica edificação.

Mas ninguem sabia orientar-nos no rumo da appetecida maravilha.

Embrenhamo-nos nas ruas ingremes e tortuosas do logarejo, inquirindo os indigenas que se nos deparavam e todos nos esgazeavam olhares attonitos e incredulos, ou esboçavam um sorriso, pallido na desconfiança de uma zombaria.

O indigena desconhecia por completo a existencia dentro do seu torrão natal de qualquer cousa que de longe, logo no primeiro conspecto, podesse estimular a attenção do forasteiro, e d'est'arte a estranha visão ia-se engrandecendo prestigiosamente á nossa phantasia n'uma aurea nevoa de mysterio, que acirrava o nosso curioso ardor na descoberta da encantada mansão.

E de olhos postos em tantos memorandos exemplos de epicos exploradores, não esmorece-

mos, até que emfim, mercê da nossa heroica perseverança n'esta caça ao ignoto, o mais atilado dos nossos informadores, n'um relampago de inspiração reveladora, exclamou triumphantemente:

—Ah! o jardim . . . o jardim de Estoy! . . . Por ali . . .

E enfiando por umas sinuosidades pedregosas que só não podiam desalentar animo esforçado como o nosso, norteamo-nos para esta preciosidade de Estoy com o mesmo ardor que nos impelliria para decantados e mysteriosos jardins, como os da feiticeira Armida ou das mythologicas Hesperides.

A breve trecho entestamos com o jardim de Estoy, onde por sentinella não surdiu cousa parecida com o fabuloso dragão, mas um sertanejo guardador de vaccas que, em meio de selvatico matagal, nos trespassava com a fixidez do seu olho alvar.

O jardim de Estoy é hoje uma ruina, mas uma formosa ruina, ainda magnifico padrão do antigo esplendor.

O forasteiro desprevenido maravilha-se de como no seio d'esta aldeola veio engastar-se esta joia quasi principesca, uma vivenda aristocratica, um palacete ajardinado, tão discordante da modesta mediocridade das hortas algarvias.

De toda essa fidalga pompa só restam hoje

ruinas por toda a parte. Ruina no frontispicio do elegante palacete, uma fachada escalavrada em que ressumbra toda a tristeza da sua solidão e abandono; ruina no portico gradeado e na monumental escadaria exterior, onde pompearam primores de estatuaria, substituidos hoje pelas heras que se penduram em festões decorativos; ruina nas cascatas e fontes ornamentaes, alimentadas por mananciaes que hoje regam uma vegetação luxuriante, tripudiando livremente nos impetos selvaticos de uma triumphal e jubilante emancipação dos antigos artificios de jardinagem.

Diante d'estas reliquias magnificas d'uma vivenda senhorial, onde se expande, sob os estimulos de um clima benefico e creador, em toda a liberdade natural uma vegetação luxuriante, irresistivelmente desfere-se-nos o vôo do pensamento para o voluptuoso *Paradou* de Zola, e a imaginação compraz-se em reproduzir as scenas d'aquella epopeia amorosa, como se nas veias se nos infiltrasse um fremito d'essa paixão delirante ao contacto dos arvoredos, a que se acolheram mysteriosamente os exaltados amantes.

O jardim de Estoy pertenceu ao morgadio de uma das casas mais nobres do Algarve, e o ultimo morgado dispoz que por seu fallecimento esta propriedade fosse vendida, distribuindo-se pelos pobres o seu producto.

Outra curiosidade de Estoy são as ruinas, onde se diz existiu a celebre *Ossonoba*.

O que hoje ainda se observa em grande copia são vestigios de umas thermas romanas. Erecta subsiste ainda uma parte do edificio — uma parede circular meio derrocada, e no terreno adjacente columnas de marmore e capiteis, jazendo no solo, onde se cavam n'uma área extensa piscinas, em cujos mosaicos sobresahem desenhos de peixes.

Loulé é outra povoação, onde se depara ao forasteiro vasto campo para aquilatar o pittoresco do Algarve.

Encravada entre montanhas, os seus arredores em terreno uberrimo, opulentos de variada arborisação e de mananciaes que alimentam uma vegetação luxuriante, accidentam-se em bellos panoramas, salientando-se o que se avista da collina de Nossa Senhora da Piedade.

Comquanto distanciada apenas treze kilometros de Faro, do seu relevo orographico resulta uma grande differença, mais accentuada em Monchique, entre a sua paizagem e a da planicie littoral.

Já aqui resalta o pittoresco, similar da paizagem do Minho e da Beira, o qual rebrilha em Monchique com mais vivido realce.

Ao descer-se a ladeira das eminencias de Lou-

lé para a planicie de Faro, por uma estrada que se lança arrojadamente n'uma magestosa recta, desdobra-se um panorama amplo e magnificente, em que os aspectos viridentes das collinas se allianças encantadoramente com as perspectivas do littoral, que traça no horisonte um aro, onde o mar se franja n'um listrão, que reflecte ao sol um resplendor argenteo.

A origem de Loulé, como a de Tavira, perde-se na escuridão dos seculos. Tomada tambem aos mouros pelo conquistador de Tavira em 1249, foi reedificada por D. Affonso III, elevada a condado por D. Affonso V a favor de D. Henrique e mais tarde a marquezado por D. João VI.

Além dos seus formosos arrabaldes não hesitariamos em affirmar, que em Loulé nada ha mais que mereça menção, se não fôra aggravo passar com irreverente indifferença pela torre quadrangular da igreja matriz, saliente apenas pela sua altura, mas que em terras d'esta ordem se enfeuda nas honrarias de monumento notavel.

Villa Real de Santo Antonio, sem embargo de contrastar na aridez dos areaes que a circumdam com o pittoresco de Loulé e Tavira, é uma das povoações algarvias que mais devem interessar a attenção do forasteiro.

As aguas do Guadiana, em cuja embocadura foi edificada a pequena villa, a cidade fronteira, a garrida Ayamonte, que se ergue em amphitheatro elegante no arremesso dos seus campanarios, e a villa de Castro-Marim, sobranceira com o diadema do seu castello ameiado, são as tonalidades salientes, que dão vivo realce ao effeito panoramico do local, onde surgiu, renascida do terremoto de 1755, a mais bella povoação algarvia no plano da sua edificação, dotada de um dos melhores portos do paiz, o terceiro em movimento maritimo e accessivel a navios de alto bordo.

A moderna Villa Real foi reconstruida pelo risco da cidade baixa de Lisboa; foi-lhe adaptado o mesmo plano em miniatura, substituindo-se a estatua equestre por apparatoso obelisco na praça central, espaçosa e symetrica, no qual foi esculpida em honra de D. José I uma inscripção pomposa, em que disputam primazias o fetichismo realengo e o hyperbolismo andaluz, peculiar d'esta parte do Algarve (1).

(1) E' do theor seguinte esta inscripção:

A El-Rei D. José I
Augusto, invicto, pio Restaurador
Das armas, das lettras
Do Commercio, da agricultura Reparador.
Da gloria e felicidade publica
Clementissimo pae de seus vassallos

A primeira povoação que se erigiu n'estas dunas abrazadoras foi a povoação hoje chamada Monte-Gordo e primitivamente Monte d'Ouro, denominação que contrastava com a humildade das palhotas habitadas pelos pescadores, primeiros colonos d'estes areaes estereis e movediços, mas condizendo com a importancia do seu commercio de peixe, que lhe deu notavel prosperidade e grande população.

Edificada Villa Real, a prepotencia czareana do Marquez de Pombal, sem embargo das reclamações e resistencias vehementes que se levantaram, propoz-se constranger os pescadores de Monte d'Ouro a transferirem o seu commercio e residencia para a nova villa.

Da inflexibilidade prepotente do ministro, embatendo-se com a obstinação dos opprimidos, resultou a decadencia de Monte d'Ouro, hoje baptisada, como que por irrisão, na picaresca denominação de Monte-Gordo e reduzida a um pequeno grupo de choupanas, presidido

Protector da innocencia
Vingador supremo da oppressão
Conservador da paz publica
E inimigo da discordia
O Commercio das pescarias
D'esta Villa Real de Santo Antonio
Levantada em cinco mezes pelas
Suas reaes providencias, decretos

pela sua egreja matriz, restos da passada gloria.

A população perseguida pelo ukase ministerial dispersou-se na sua quasi totalidade pela Hespanha, com grave prejuizo da prosperidade d'esta região algarvia.

A classe inferior de Villa Real é na sua grande maioria de pescadores, representantes dos primeiros colonos, e é n'estas camadas populares, como em geral na população raiana, que se accentua a influencia andaluza nos costumes, como na linguagem, adulterada n'um dialecto repleto de espaventosos hyperbolismos.

E' sobretudo n'esta parte da provincia que floresce o typo, a que já alludimos, do algarvio enxertado no andaluz.

E aqui com mais intensidade a indolencia algarvia revela-se ao approximar-se a quadra hibernal e tempestuosa. E' então o periodo da fome; o pescador de Villa Real, contrariamente ao de Olhão, que nunca recusa o braço trabalhador

Que com todo o zelo executou
O Marquez de Pombal,
Da inundação do oceano em que
Seculos antes esteve submergida
Erigiu este obelisco
Para perpetuo padrão do seu
Humilde e immortal reconhecimento.
Anno 1775

onde o ganho se offereça, vagueia n'uma inercia madrassa, que só desperta na epocha das pescarias da sardinha e do atum.

Então o pescador ressurge da modorra hibernal n'uma alacridade de bem-estar e abundancia, do mesmo modo que a villa toda, friorenta e entorpecida, se reanima e esfervilha vibrante de movimento e alegria sob a influencia do sangue novo, carreado no verão pela colonia balnear, que afflue do Alemtejo e das outras povoações da propria provincia.

Olhão, a povoação que em todos os panoramas das cercanias de Faro, no mar ou em terra, apparece com a mancha branca da sua casaria, como efflorescencia resplendente em macisso sorridente de margaridas, começou modestamente pelos fins do seculo XVIII por umas cabanas de pescadores, que acharam o sitio azado para se fixarem, renunciando á vida errante pelas praias do Algarve, e como no logar escolhido borbulhava um manancial abundante de boa agua, resa a tradição que o nascente burgo foi baptisado com a denominação de Olhão, derivada do precioso olho d'agua, que ali attrahiu os fundadores do logarejo.

A humilde colonia de pescadores foi medrando, e, sempre em lucta com o mar que lhe invadia a povoação, veio a irmanar-se com as povoações mais importantes do Algarve, ao mesmo tempo que os seus habitantes conquistavam a fama de ousados marinheiros, tão ousados que em frageis cahiques aventuravam-se até ao mar da Barberia, pescando em frente de Larache, ou se internavam no Mediterraneo em concorrencia com os pescadores hespanhoes.

Ao percorrer-se a villa de Olhão salteia-nos logo uma impressão, que em nenhuma outra povoação algarvia se experimenta.

Comprehende-se no primeiro relance que se está entre gente activa e laberiosa, e as manifestações d'essa actividade resaltam por toda a parte.

A praça formiga de movimento desusado no Algarve e nas pequenas povoações; as lojas e armazens superabundam pondo em evidencia a sua actividade commercial; á beira do caes emmaranha-se uma selva de mastreações e um cardume de barcos balouça-se alegremente desde o pequeno cahique até á embarcação com lotação de escuna, armada, porém, por tradicional apêgo aos primitivos usos, com véla latina, mais apropriada a rapido curso.

Em meio da modorrenta pachorra algarvia,

Olhão figura-se-nos uma colmeia zumbente de vida e trabalho; na vida economica da provincia é a nota que resalta mais vibrante de vitalidade e energia.

A estructura de Olhão, mais porventura do que a de qualquer outra povoação algarvia, dá-nos a visão de povoado marroquino; as casas altas e os telhados, como em Tanger, brilham pela sua ausencia; as habitações alinham-se ao rez do chão na sua quasi totalidade, como lá tambem muito brancas, coroadas uniformemente de terrassos, irmãs gemeas das azoteas africanas, e sobranceadas por algum zimborio alvejante de egreja, em paridade com as cupulas e minaretes das mesquitas.

O aspecto marroquino é verdadeiramente illusionante.

Entrajem o indigena com o albornós arabe ou com o manto e capuz dominicano do habitante de Tanger, e a illusão será completa.

A curiosidade mais interessante é a sua *Barreta*—um bairro singular e typico, área onde primitivamente se lançaram os fundamentos da povoação. Ali foram talhando os fundadores os originarios arruamentos na mais completa despreoccupação de risco symetrico, com absoluta insubmissão barbaresca ás tyrannias do esquadro municipal.

E foi assim que da *Barreta* se fez um dedalo,

dentro do qual subsiste ainda indelevel o cunho dos primitivos usos patriarchaes e semi-barbaros.

A *Barreta* é uma encruzilhada de corredores; ruas, bèccos, alguns como a travessa dos Abraços, tão estreitos, que facilmente entalarão as espadoas possantes e anafadas de pantafaçudo arganaz, entrecruzam-se inextrincavelmente. O forasteiro, que se internar no labyrintho sem o fio de Ariadne, só por acaso logrará libertar-se d'esta teia estonteadora de vielas; quando menos pensa esbarra-se n'um fundo sem sahida, retrocede, anda, desanda, esfalfa-se para se emmaranhar cada vez mais n'uma rêde intrincada de funis sem sahida, e em meio d'estes *torcicollos* recrudescem-lhe o atordoamento fatigante e irritante as emanações das immundicies, que, em intimo e tranquillo convivio com o indigena, pejam estas vias publicas, assim chamadas mercê da liberdade rhetorica, sob a egide de uma policia sanitaria verdadeiramente archi-patriarchal.

E ainda n'estes esterquilinios que empestam o ar ha perfeita paridade entre a Tanger d'aquemmar e a Tanger africana.

Sobre ser laborioso o habitante de Olhão salienta-se ainda mais como destemido marinheiro; o pescador olhanense só no pescador da Povoa de Varzim tem um emulo; é lendario este arrojo, cujas tradições são brilhantemente attestadas em

feitos admiraveis, entre os quaes tem preeminencia a façanha de mestre Manoel Martins Garrocho que em 1805, embarcado n'um fragil cahique, levou a D. João VI, refugiado no Brazil, a nova do libertamento do jugo napoleonico.

Ingenua fé monarchica, que gerou proeza digna da heroica patria, que não do fraco principe, a quem foi votada, mas que d'esta vez não fez *fraca a forte gente!*

Em povoação de tão galhardos lobos do mar, educados nas tradições e nos exemplos do valoroso Gil Eannes e dos esforçados navegadores que affrontaram o mar tenebroso ao impulso potente do solitario de Sagres, é lastima que não haja uma escola de marinheiros.

Seguramente entre os filhos d'esta raça valente, já nascidos com o pé marinheiro, não se recrutariam alumnos enfezados, incapazes de uma manobra esforçada, como succede na escola da corveta *Sagres*.

VIII

*Monchique — Aspecto geral da paizagem e do pittoresco da serra — As mattas de castanheiros — Confronto com o Bussaco e a proposito um conto de Daudet — As thermas de Monchique — O estabelecimento thermal — **Palação, palacete, palacim** e o salão — Origem das thermas — O **Paraizo** e os seus idyllicos arredores — As nortadas no Banho de Monchique — Os calores do levante e as queimadas*

Relanceada a vista pelo littoral e principaes povoações do Algarve, larguemos para Monchique, o ponto culminante do pittoresco algarvio.

Monchique para o habitante do norte do paiz, que se calcina nos implacaveis ardores estivaes de Faro, perspectiva-se como um oasis, appetetecido com soffreguidões de Ugolino.

Esta pittoresca estancia, que lá denominam

a Cintra do Algarve, com as suas serras alterosas, onde sómente nos invernos mais asperos roça a aza branca da neve, apezar da sua altitude de novecentos ou mil e duzentos metros acima do nivel do mar, horisontada de magnificentes panoramas, com a musica embaladora das suas agoas murmuras, mananciaes exuberantes, soltando-se pelos valles em ribeiros pittorescos — o Odesseixe, as ribeiras do Banho e de Odelouca, deliciosos de arvoredo, de sombra e frescura, com a caricia das suas brisas a ramalharem alegremente nas densas mattas de castanheiros, nos pomares e laranjaes, com os seus alcantis reçumantes de verdura, ou encapuzados no manto espesso e verde-negro das estevas, circumdados de paizagens onde vibra a nota jucunda das hortas viçosas e das azenhas irrequietas, é o eden do Algarve, o refugio redemptor para essas calmas medonhas do littoral, sobretudo quando o levante entenebrece o horisonte, apagando com o seu halito morbido o formoso azul, que agonisa desmaiado em sinistras tonalidades plumbeas.

A soberania da figueira e da alfarrobeira não attinge estas altitudes; das miragens levantinas que se visionaram lá em baixo aqui só ficou o intenso azul do céu a dar realce com a sua viventissima luz a esta exuberancia de vegetação minhota.

Logo ao largar de Silves vae a serra desdobrando a sua crescente escadaria de montanhas, umas aninhando nas reconditas dobras do seu manto verdejante aspectos de uma amenidade encantadora, outras alteando-se em toda a magestade da sua rudeza alpestre. E estes cerros succedem-se sempre alterosos e imponentes até se enthronisarem no pincaro da Foia, d'onde a vista deslumbrada abrange um dos mais bellos panoramas do paiz, ou na opinião de muitos o mais bello.

São variadissimos os aspectos d'estes cerros abruptos e alcantilados, que ora se rasgam em temerosas gargantas, asperas de penhascos, ora se declivam idyllicamente em desfiladeiros vicejantes, mosqueados com todos os cambiantes da verdura, em valles ferteis, de uma frescura frondosa, onde entre arvoredos e hortas sorriem a brancura dos casaes e a crystallinidade da agua que jubila nos açudes canora e espumejante.

São calvas as frontes de muitas d'estas moles titanicas, que escalam os céus e nos evocam a perspectiva de algum recanto da Suissa, emquanto que outras se toucam bastamente de uma vegetação verde-negra, rasa e forte, como cabelleiras curtas e crespas, de estevas e plantas montesinhas, d'onde emergem de quando em quando, n'um destaque hilare, arvores de alto porte, ora

solitarias, ora abraçadas em graciosos agrupamentos.

E n'esta ascendente sobreposição de thronos montanhosos umas vezes caminhamos entre cerros, que se alcantilam, despenhando-se em desfiladeiros vertiginosos e vedando-nos a perspectiva dos largos horisontes, outras vezes descortinam-se esplendidos panoramas n'uma subita claridade, e quando n'estas escaladas cyclopicas fica a nossos pés uma longa série de degraus colossaes d'estes thronos de montanhas, então na distancia esses cerros apoucam-se, achatam as estaturas gigantescas e reduzem-se a pequenos cones n'um agrupamento gracioso de tendas em vasto acampamento, ou então aquellas formas brutalmente mastadonticas arqueiam os dorsos suavemente e colleiam-se em branduras serpentinas, semelhando ondulações n'um oceano de verdura.

Depois ainda mais alto, nos arredores da povoação de Monchique, as perspectivas da rude serrania ainda mais se amenisam na verdura hilariante dos castanheiros, que se alastram pelas gibosidades do monstruoso dorso em mattas luxuriantes.

São formosissimas essas mattas de castanheiros, onde muitos avultam colossalmente, magnates d'esta flora, de uma estructura robusta, seiva opulenta, folhagem espessa e exuberante, de um

verde intenso e alegre, lembrando equiparal-os a bellos exemplares humanos de temperamento sanguineo, coloração quente, sadia, e corporatura athletica.

Alguns assumem proporções grandiosas e todos elles seriam soberbos gigantes d'esta população florestal, se repetidos cortes, de doze em doze annos, não levassem a devastação a estas frondosissimas mattas.

Só escapa um ou outro raro patriarcha, que n'uma magestade secular vae perpetuando o seu primado presidencial atravez das gerações que pullulam incessantemente, reproduzindo-se das ruinas das populações devastadas, porque os pobres destroncados, como a phenix renascida das proprias cinzas, revivem possantes e immortaes, bracejando novas florestas, sempre inexoravelmente condemnadas ao periodico exterminio.

E todavia, apezar d'estas devastações impostas pelas necessidades da subsistencia dos proprietarios, nunca se estingue esta riqueza florestal, tão extensa é a área em que se expande, tanto superabundam estas opulentas mattas, onde os raios solares penetram só quanto basta para diffundirem n'estes recessos umbrosos uma deliciosa luz auri-verde, projectando buliçosas *luzernas,* como são denominadas na pittoresca lingoagem indigena essas flechas de luz que se fisgam pelos in-

tersticios das espessas abobadas de verdura e se reflectem no solo arrelvado, como borboletas luminosas, que volitassem rasteiras e irrequietas em doces contactos do aureo setim das suas azas frementes de luz com o velludo dos musgos esmeraldinos que atapetam os frondosos montados.

Lembram estas mattas, com esta lucta de pujante revivescencia, a floresta virgem do conto phantastico de A. Daudet, intitulado *Wood' Stown,* a cidade norte-americana, construida em madeira como a de Chicago, conquistada aos dominios de uma d'essas floras gigantescas, que estadeiam gloriosamente a sua realeza pre-historica.

Essa conquista custara á hoste colonisadora prodigios de tenaz esforço; as seivas possantes da floresta zombavam do encarniçamento demolidor da colonia, afadigada em lançar os fundamentos da nascente povoação sobre o cadaver do adversario com que travara desesperada lucta. Em cada tronco abatido pullulavam novos e potentissimos germens de vitalidade e rejuvenescimento; de cada ferida brotavam novas vergonteas e por toda a parte, na área assolada pelo machado exterminador, bracejavam n'uma actividade febril de fecundidades labyrintos de ramagens novas e espessas.

Só o fogo pôde suffocar esta germinação estu-

penda e *Wood' Stown* ergueu-se alfim sobre as cinzas da heroica floresta vencida.

Vencida... não. A lucta travada entre as duas populações, a dos homens e a das arvores, proseguiu pertinaz e temerosa.

As seivas prodigiosas dos gigantes florestaes, momentaneamente reprimidas e esterilisadas pelo incendio voraz, vivificaram-se de novo, effervescendo mais imperiosas e vivazes em torrentes subterraneas, n'uma reconcentração minaz de lava impetuosa, e esta surda vulcanisação, este labor latente de mina e sapa foi recrescendo rapido e precipite até que n'uma explosão de desforra victoriosa, n'um impeto de renascimento triumphal, novos borbotões de vitalidade irromperam com a violencia dos cataclysmos tremendos e em impulsos indomitos de irresistivel invasão supplantaram *Wood' Stown* n'uma derrocada terrifica, abafando-a n'uma inundação de verdura, reconquistando o solo usurpado e occupando victoriosamente os antigos dominios com um novo exercito florestal formidavel e invencivel.

Ao contemplarmos a vegetação luxuriante e frondosissima d'estas mattas de Monchique, a renascerem infatigavelmente das proprias ruinas, phantasia-se sob a influencia d'este ceu luminoso, que nos incita ao sonho e ao devaneio, que tambem estes bosques possantes e immortaes seriam

capazes de estrangular nos amplexos herculeos das suas ramagens a povoação que tentasse usurpar-lhes os dominios de posse immemorial.

Sem essas periodicas hecatombes as mattas de Monchique, apezar da uniformidade do seu arvoredo, competiriam vantajosamente com o formoso Bussaco; os bellos e possantes castanheiros da Cintra do Algarve disputam primazias aos cedros esbeltos da formosa montanha da Beira, e nem por isso n'essa uniformidade florestal a paizagem desluz em fastidiosa monotonia, tantos são os cambiantes de imprevisto alpino, tão vivazes as tonalidades pittorescas das hortas e pomares, que se entremeiam nos macissos d'essa verdura invariavel, mas ridentissima.

Alludindo ao Bussaco, ao Bussaco hodierno, o pensamento desvia-se-nos do recinto pomposamente modernisado, que ahi vemos hoje degenerado n'um arremedo de faustosa vivenda burgueza, refugiando-se e revendo-se com saudoso pezar na antiga matta, como ainda a conhecemos, com toda a sua austera simplicidade primitiva, com todo o encanto que emanava de tantas cousas suggestivas, que deviam fazer do recinto que foi sacra mansão de penitencia um monumento nacional, conservado com veneração em toda a pureza da sua primitiva traça.

Não sabemos progredir sem nos desnaciona-

lisarmos; imitamos servilmente, subvertendo n'um cosmopolitismo banal todos os traços caracteristicos da physionomia nacional.

Para a grande maioria a comprehensão do progresso resume-se na submissão incondicional, sem critica nem criterio, a todas as innovações com o mais despreoccupado menosprezo do passado invocado sómente para pabulo de rhetorica espectaculosa, esterilmente alardeada nos momentos solemnes de emphase nacional.

Desconhecemos os processos assisados de conciliar os naturaes impulsos de aperfeiçoamento com o escrupuloso respeito pelos monumentos elucidativos das civilisações mortas, pelas tradições que são o fio conductor d'esta ávida e indomavel curiosidade, que impelle os espiritos de eleição a penetrar no viver, no sentir, na alma, evocada e resurrecta, das sociedades extinctas, por todas essas reliquias venerandas emfim que assignalam a marcha evolutiva da humanidade.

Deixemos esta diversão e, antes de proseguirmos no nosso roteiro para as eminencias da Picota e da Foia, detenhamo-nos nas Caldas de Monchique, vulgarmente denominadas o — *Banho,* entaladas n'uma pittoresca garganta da serra, umas thermas insufficientemente analysadas, em cuja composição entram chloretos e sulphatos alcalinos, silica, carbonatos de cal e magnesia, pequena

quantidade de ferro e acido sulphidrico, manifesto na sua origem.

Applicam-se estas thermas a um grande numero de molestias; mas o que de seguro está constatado pela experiencia é que são de efficacissimo resultado em rheumatismos, manifestações cutaneas e dyspepsias.

O estabelecimento, com largos tratos de terreno em torno, pertence ao estado, e esta circumstancia, independentemente de outras concomitantes, bastaria para se comprehender a sua inferioridade com relação á maioria das thermas do paiz no tocante a commodidades inalienaveis de um viver medianamente confortavel, e a cuja deficiencia só resistem o atrazo e a resignada indifferença da população algarvia, quasi unica a frequental-as com a do Alemtejo, que, fóra da provincia do Algarve, é a que dá maior contingente de concorrencia.

Os principaes meios de installação são a hospedaria, montada pela bitola das melhores que se encontram no Algarve e os aposentos do estabelecimento thermal, de estructura monastica, especie de caravansará mal lavado de ar e de luz, onde os banhistas se atulham em communidade intima e ruidosa, alojados em quartos que se alinham como cellas em soturnos corredores fradescos.

Afóra isto e alguma rara vivenda particular apenas se nos deparam duas casas habitaveis, uma d'ellas decorada com a pomposa denominação de *palacete* para honra da hyperbolica imaginativa algarvia, assim como pelos mesmos processos de optica phantasista é conhecida por *palação* parte da hospedaria reconstruida e accrescentada de um andar.

Deslocado, porém, o monumento d'este ponto de vista hyperbolico, o colosso fica reduzido ás pifias proporções de um edificio vulgar, vasado nos moldes da mais banal architectura.

Quanto ao *palacete,* aposentadoria do governador civil, que superintende superiormente o estabelecimento thermal, não passa de um rez-do-chão sem distinctivo de elegancia ou bom gosto, o qual só podia *apalaçar-se* pela regra de que *na terra dos cegos quem tem um olho é rei.*

Com o palacete defronta-se o *palacim.* Ora isto, a que lá se chama o *palacim,* áquem da região onde impera a quente e sonhadora phantasia algarviense, reduz-se ás proporções de um minusculo *cottage,* que pede meças á cabana, posta a pequena distancia, como que n'um confronto irrisorio, sobre a peanha de um penedo, onde resalta com todo o encanto do seu pittoresco montesinho.

Em symetria com estes monumentos babylonicos figura tambem o *Salão*—a parte do edificio

investida nas honras de club para recreio dos frequentadores do *Banho*.

E esta mansão consagrada ao prazer, entrevista pelo prisma augmentativo de um elucidario d'estas thermas, phantasia-se um *Trianon*, onde os banhistas se regalam em folgares sardanapalescos.

Mas o *Monte Carlo* monchicano, reduzido ás proporções da exacta realidade, fica sendo simplesmente uma modesta sala, onde a colonia balnear se tresnoita na peccaminosa orgia do voltarete e da quadrilha marcada, tão dilecta da sociedade algarvia.

Sobre a origem das thermas de Monchique sabe-se que foram usadas pelos romanos. Assim o indica com toda a probabilidade de um facto historico, corroborado pela predilecção dos romanos do imperio pelos estabelecimentos thermaes, uma moeda de bronze encontrada perto da ribeira do *Banho* e classificada pelo snr. Estacio da Veiga.

E' isto o que se sabe até 1495. Depois D. João II veio a Monchique medicar-se com ellas, morrendo em Alvôr a 25 de Novembro do mesmo anno.

Desde esta epocha intercala-se novo periodo de obscuridade até ás datas das lapides e inscripções, que no estabelecimento attestam a sua origem ecclesiastica e a iniciativa dos Bispos do Algarve que, desde 1692 até 1862, concorreram

para o seu engrandecimento com obras e melhomentos.

E feita esta rapida fuga pelo passado das thermas de Monchique atufemo-nos no pittoresco da Cintra do Algarve, esquadrinhando todos os recantos d'esta garganta da serra, onde se encrava o *Banho*, como se engasta a joia de Chamounix na cordilheira alpina, e pela regra de—*a tout seigneur tout honneur,* comecemos pelo *Paraiso.*

Assim foi denominado um recantosinho na ribeira do Banho, delicioso de pittoresco, adoravel de encanto bucolico.

Imagine-se no fundo do valle um pequeno alargamento de terreno, como se o apertado leito em que o ribeiro se escôa estrangulado, n'uma ancia de alivio e n'um esforço supremo, compellisse o estreito canalsinho áquella expansão do solo.

O *Paraiso,* denominação que é ainda um producto da pomposa imaginação algarvia, é um nicho de verdura, onde um pouco de artificio singelo e apropositado não desmancha a maestria e o arranjo artistico, com que a natureza ageitou aquelle retiro idyllico, afofado em sombras, canoro de aguas murmuras, communicante de perfumados lyrismo.

Umas gradarias, singelamente ennastradas de galhos d'arvore, guarnecendo a orla do ribeiro, umas pontesinhas rusticas airosamente lançadas,

e umas bancadas toscas ajustam-se primorosamente com a feição bucolica do logar.

Os amieiros, em cuja folhagem, de um verde claro, ri o doirado sol algarvio, diffundem uma sombra alegre, e o riacho arripiado sempre no leito pedregoso, encrespando-se em pequenas coleras escumantes no obstaculo dos pedregulhos, impellido de quando em quando a maiores saltos, precipita-se em minusculas cascatas, que logo se alisam serenas e espelhadas n'um gracioso arremedo de lagos dormentes.

Estas miniaturas galantes das famigeradas torrentes da Noruega, da America ou da Africa põem no gracil scenario do *Paraiso* a nota viva, alegre, movimentada de sua crystallinidade espumejante em formoso destaque com os fraguedos e verduras que o molduram.

E o pulcro riacho, n'estas intercadencias de cataratas minusculas e lagos em miniatura, entalado entre ribanceiras escarpadas e frondosas, serpeando mysteriosamente atravez de um labyrintho de verdura, lá vae muito afadigado, brincão, saltitando por entre macissos de arvoredo inextincavel, com ares de reptil que se esconde açodado no mais denso de uma selva.

Mais para baixo o ribeiro é um dedalo, velado de vegetação variada, um retalho de flora silvestre, que só á custa de façanhas sertanejas se al-

cança, mettendo-nos a caminho de cabras por entre silvados e ramarias de floresta virgem.

N'esta exploração ora precisamos de nos escoar com subtilezas de cobra por carreiros escorregadios, ladeirentos e pedregosos, ora praticamos proezas de equilibrio sobre pedregulhos em travessia de margem a margem.

Em meio d'esta rede de vegetação, encimada pelos doceis viridentes dos amieiros, golpeados de luminoso azul, a cada passo se nos deparam pequenas telas de um pittoresco delicioso, modelos tentadores para um pincel amestrado, onde sobresahem, n'uma expansão exuberantissima, magnificos grupos ornamentaes de inhames, tão decorativos que mais parecem ornato artificioso do que vegetação espontanea.

São uma curiosidade estes tufos africanos de folhas lanceoladas, de um verde muito esmeraldino, semelhando begonias descommunaes, e tão descommunaes que algumas serviriam de abrigo á maneira de guarda-soes.

Caminhando-se pelos carreiros que sulcam as escarpas sobranceiras ao *Paraiso* a paizagem muda d'aspecto e não é menos encantadora a perspectiva do valle contemplada das eminencias do desfiladeiro.

No aperto tortuoso dos alcantilados cerros o ribeiro serpeia sempre ensombrado em massiços

de arvoredo, onde sobresahe o verde esmeraldino e ramalhudo dos amieiros, pondo na parte inferior do valle o traço de uma longa fita verde, semelhando uma trança que vae prender-se á cabelleira de uma collina frondosa, escalada por uma legião de pinheiros, hoste de gigantescos guerreiros, que se perfilam com garbo magnificamente marcial, como que n'um panno de fundo de theatro, onde espreita alegremente uma janella do *Banho*.

Para o lado opposto o valle alarga-se n'um formoso recinto feito para sonhar edyllios e phantasiar episodios pastoris.

Laranjaes, figueiras, milharaes, alfarrobeiras, cannaviaes, hortas frescas e viçosas, pintalgadas de cabanas, n'uma expansão jubilante de fertilidades, fazem a esplendida ornamentação d'este bucolico retiro, que os montes abraçam com amoravel recato, perfumando-o com a ambrosia das emanações acres dos estevaes.

Em todo o precurso acompanha-nos o palreiro riacho, e a sua flebil cantilena é por vezes atabafada pela voz estridente das azenhas, que se desgrenham muito afadigadas na sua faina em arripios de agua espumejante, que lembram fremitos de azas brancas, n'um redemoinho brincão.

Adiante uma ponte d'alvenaria, em arcada, sobranceada de aprumados cerros, completa a decoração, e as reprezas dos açudes, onde se espe-

lham arvoredos, põem a nota vivida do seu crystal n'esta tela vibrante de colorido.

E ao entardecer ainda escaldado pelos ardores das horas calidas, vapora-se do valle uma frescura calmante, bemfazejo alivio na temperatura tropical, a que nem mesmo esta zona privilegiada sempre escapa.

Mas o calor n'esta região montanhosa é attenuado principalmente pelas nortadas frequentes, e a meudo desencadeadas com impetos esbravejantes de vendaval.

São então penosos esses dias, transcorridos sob o latego inexoravel d'essas rajadas, que se enfiam com violencia cyclonica pela garganta do *Banho*, turvando a atmosphera em revoadas pulverulentas. E não dão tregoas estas lufadas epilepticas, que nos fustigam ininterruptamente de dia e de noute.

As arvores contorcem-se e gemem doloridas sob o azorrague da enfuriada ventania. Então no silencio alto da noute são afflictivos os clamores do arvoredo escabujante, suggerindo-nos a sensação pungitiva de procella negra em mar revolto, e o forasteiro que não tenha o habito de se embalar ao estridor d'esta symphonia tetrica, concerto lugubre em que parece bramirem todos os uivos sinistros dos elementos em furor, leva a noute de um somno sobresaltado pela negra visão da natu-

reza agonisando sob as garras lacerantes de uma tempestade doida, ao mesmo tempo que, com o rugido do enraivado monstro a resoar-lhe no cerebro, se desola na perspectiva de mallogrados gosos em veraneio bucolico.

Mas, ao repontar o dia, que se fisga despertador e ridente pelas frestas da janella na jubilação gorgeante da passarinhada, a allucinação dissipa-se, e despertamos aliviados do pezadêllo em rebates de alegria sob a limpidez jucunda do azul nitentissimo, raro mosqueado no céu do Algarve pela mancha de uma nuvem durante o verão.

Em contraposição com estes dias frescaes outros em pleno periodo canicular flammejam fogo.

A atmosphera immovel, lago estagnado sem o arripio de uma aragem, peza sobre nós oppressivamente, como immensa lamina incandescente, embaciada a espaços pelas brumas fumarentas das queimadas, que recrudescem infernalmente este calor de fornalha ardente, e o horisonte torvamente opaco, estanhado, este ridente horisonte que n'estes momentos parece transformado em tenebroso e gigantesco ataúde, é seguro indicio de um calor mais torturante de que o prenunciado por esses occasos rutilantes de ouro e purpura, que são no Algarve um esplendor indizivel, digno da magnificencia magestatica do astro-rei.

IX

Outras perspectivas do **Banho**—*A Ponte dos Suspiros—Os ribeiros da Ponte dos Suspiros e do Paraiso—O panorama do Mirante ao entardecer—Contrastes da paizagem de Monchique—Do Banho para cima—As mattas de castanheiros—A vista do Convento—O monte da* **Picota**—*Parallelo entre a paizagem de Monchique e o pittoresco do Minho—O jardim das fructas—A laranja e os pomares do Algarve—O Moinho da Rocha*

A' MEDIDA que vamos subindo a encosta, transposto o recinto do *Banho*, desdobram-se formosissimos os aspectos da paizagem, accentuando-se cada vez mais em ridente destaque com o pittoresco uniforme nas perspectivas do littoral.

O estabelecimento balnear, visto do alto, acaçapa-se ao fundo, afofado em verduras entre as dobras da serra, onde resalta o contraste vigo-

roso da vegetação jovial dos pinheiros, entremisturada com o verde-negro dos sobreiros e das oliveiras, e, apendiculado pela serpe frondejante da ribeira, sulco verde-claro entre encostas sombrias e abruptas, lembra a cabeça de enorme reptil dormente, cuja cauda de lagarto monstro se estendesse ao longo do valle.

Por sobre o valle as cristas dos montes ondulam-se suavemente, semelhando os cambiantes de um gigantesco *moiré*, que se desenrola até ao littoral e vae esbater-se na costa, por vezes velada n'uma gaze de calidas vaporações.

E' duro escalar estas encostas escarpadas, feitas para o pé alpino de solido *touriste;* mas até ao *Mirante* — uma plataforma acastellada, ha carreiros viaveis, bordados de arvoredos modernamente plantados, vestigios, de par com o *Mirante*, com a *Ponte dos Suspiros* e com outros aformoseamentos nas proximidades das thermas, da illustrada administração do Dr. Castello-Branco, ex-director do estabelecimento thermal, e continuados pela diligente iniciativa do actual administrador.

Os aspectos da paizagem, sempre pittorescos e variados, são uma distracção salutar á fadigosa escalada, em quanto não repousamos nos bancos rusticos que ladeiam a *Ponte dos Suspiros*, encravada entre penhascos e arvores.

Ponte dos Suspiros!

Oh sonhadora phantasia algarvia!

Não sabemos se este dizer de um sabor romantico, com que foi baptisada a singella pontesinha, que se reduz a um pequeno tablado sem guardas, se inspirou em algum episodio de novella sentimental, ou se algum algarvio romanesco entrevio nas sombras mysteriosas e suggestivas d'aquelles fraguedos alguma naiade suspirosa e namorada.

Mas o que de seguro sabemos é que se alguma cousa agora alli suspira é o veio d'agua serpeiante, o infantil ribeirito, que se escôa timido, sorrateiro, rebuçado entre escarpas e espontaneas vegetações montesinhas, afinando o doce murmurio da sua sempiterna dolencia com o rythmo da briza. E esta viração refrigerante mitiga o ar calido e balsamico na serenidade voluptuosa d'estas magicas noutes do Algarve, em que as estrellas tremeluzem mais faiscantes n'um ceu avelludado de azul ferrete, que parece descer sobre nós a envolvernos na doçura de um afago sensual e hypnotisante, uma d'estas noutes perturbantes, em que mau grado se é poeta aos vinte annos, ou quando, mais proximos do tumulo do que do berço, descahidos em scismadora sentimentalidade, com a alma vibrante de emoção e saudade, rememoramos o que fica longe e não volta mais, irremediavelmente perdido nas longinquas miragens da mocidade.

Em toda a paizagem transparece uma expressão, a manifestação de um sentimento intimo, como que a evolar-se da alma da natureza em communicação intima, magnetica, sympathica com a nossa alma. Aqui na *Ponte dos Suspiros* esse estado d'alma é todo um suave infiltrar de melancholicos enternecimentos.

Na variedade dos aspectos de Monchique vibra toda a gamma da sentimentalidade, ao inverso do que succede no resto do Algarve, em cujas perspectivas com toda a magnificencia dos seus horisontes, fulgurantes de luz e côr, a expressão paizagista é mais uniforme, sem alegria nem animação, apezar d'esta pompa e esplendor, lembrando equiparar as sensações que suggerem ás que se experimentariam na contemplação de uma odalisca formosa, mas vasia de expressão, deslumbrante nos atavios sumptuosos, que lhe realçam a plastica graciosa do corpo reclinado em voluptuosa languidez.

O riacho da *Ponte dos Suspiros* contrasta com o ribeiro do *Paraiso*. Este, de uma puerilidade galhofeira, corre sempre muito garrulo e estouvado, desfazendo-se em risos ao esbarrar-se espumoso nos constantes obstaculos á sua travessa carreira ou cascalhando risadas mais hilares, quando salta de mais alto em arremedo de cachoeiras.

E esta travessura do riacho folgasão aviventa

ainda mais a vegetação alegre do ridente recinto, modelo formoso para theatro de folias em episodio pagão.

Na *Ponte dos Suspiros* pelo contrario o merencorio ribeirito deslisa com reconcentrada mansidão de criança triste, e murmurando mysteriosamente a sua cantilena dolente e flebil, recatado na sombra dos arvoredos, identifica-se intimamente com a melancholica solidão d'estes fraguedos, rustico eremiterio como que feito para mysticos extasis ou elegiacas meditações.

E todavia estas duas adolescencias, uma alegre outra triste, no inverno volvem-se em possantes virilidades, que rugem os fragores das caudalozas torrentes.

Da *Ponte dos Suspiros* ao *Mirante* é facil e plano o caminho, e d'esta plataforma ameiada avista-se um dos mais formosos panoramas de Monchique.

No primeiro plano desdobra-se o desfiladeiro crespo de penedias, em contraste com as montanhas adjacentes, exuberantes de verdura, pintalgadas de casaes.

Em frente a serrania vae-se arqueando em ondulações decrescentes até se confundir na planura da costa, contornada pelo cingulo azulejante do mar.

Além, perdida na distancia, branqueja uma

nesgasita da casaria de Lagos; á direita a barra de Portimão resplende com nm brilho de placa, e a povoação fronteira de Ferragude destaca-se esbelta, lembrando uma vivenda acastellada á beira de um lago, em quanto que mais perto de nós, e sobranceiro, vae crescendo um throno imponente de montanhas, umas escalvadas, estereis, de aspecto selvatico, outras viçando feracidades, e, sobrepujando-as ainda, arqueia-se o dorso gigante da Foia, coroado pelo nimbo resplandecente do occaso — esta *Foia* que se nos affigura mysteriosa, inaccessivel e nos acirra a curiosidade com os obstaculos dos seus caminhos invios, hostis, talhados sobre despenhadeiros.

Pouco depois o aureo diadema, que cinge a fronte do colosso, esmaece n'uma doce claridade d'alvorada, em quanto que além o incendio que vae ateado no horisonte desmaia nas melancholicas tonalidades do entardecer.

A cohorte de montanhas, com a sua grandeza soturna e esmagadora, que rende vassallagem ao suzerano colossal da Foia, empinando-se nas nossas espaldas, negrejando imponente na limpidez do ceu, e a taciturnidade d'este logar, de um pittoresco agreste, com o riacho arisco e selvatico a rosnar no esconderijo de vegetação montesinha a sua plangente e dolorida cantilena, infundem uma vaga e doce sentimentalidade, emquanto que a

vista, ao dilatar-se além pelo largo horisonte a profundar-se na vastidão do oceano, impelle a alma como que hypnotisada para os elanguescimentos scismadores, de um enternecimento doce e dolente.

E á hora melancholica de um meigo entardecer parece que este recinto vapora, n'um requinte perturbador, todos os effluvios voluptuosamente enervantes d'esta natureza algarvia.

Mas nos aspectos ridentes de Monchique tambem se intercalam, como que n'um capricho mal humorado da natureza, as perspectivas em que predominam as tintas sombrias, com que se debuxam as telas bravias e selvaticas.

Os cerros escalvados e esqueleticos, ou eriçados de estevas, lembrando o pêllo hirsuto de um carniceiro enfuriado, sobrepõem-se, empilham-se, como uma turba compacta, premidos nos contactos brutaes das suas espaduas monstruosas, e despenham-se em desfiladeiros abruptos n'um arremedo tenebroso de scenario dantesco.

E ao declinar do dia estes amontoamentos titanicos e soturnos, negrejando nas tintas melancholicas do crepusculo, em meio de um gelido silencio de catacumbas, infunde-nos uma vaga sensação de tristeza oppressiva, esmagadora.

Nem um gorgeio de passaro ou zumbido de insecto perturbam este silencio pezado e angustioso; sómente alguma cabana, a modo de gruta

de troglodita, sem uma janella a alegrar o negrume das paredes, sem outra abertura que aspire á luz, ao ar, á vida, a não ser a estreita porta de entrada, que dá para um interior negro de immundicie, mitiga a uniformidade feroz d'este scenario tetrico, que faz lembrar as desolantes solidões de algum astro morto.

N'um eirado proximo um rapazito esfarrapado, semi-nú, rasteja em volta de um montão de alfarroba que secca ao sol, e repasta se bestialmente n'este grosseiro fructo africano.

Interrogado responde-nos, fitando olhares boçaes, resmoneando uns grunhidos indecifraveis, e ao contemplar o pequeno selvagem andrajoso, maravilhamo-nos de não surgir uma cubata no logar da miseravel choupana.

Mas de chofre, n'uma volta de caminho, lá no fundo d'estes desfiladeiros tenebrosos reluz uma claridade verdejante. E' o valle dos *Pisões* que vae serpeando fresco e viçoso; o sulco prateado do ribeiro faisca entre verduras; a ponte perspectiva-se como um arco triumphal decorativo, e esta subita alacridade da paizagem em scenario lobrego de gehenna, lembrando subitas espadanas de vivido sol atravez de torvo negrume, inocula-nos uma sensação de alivio, como se, ao emergir de um pezadêllo angustioso, despertassemos no seio amoravel de uma alvorada paradisiaca.

Mas do *Banho* para cima é que a feição caracteristica da paizagem de Monchique se accentua em todo o seu pittoresco esplendor.

E' então que se penetra na região dos castanheiros, desdobrando-se á nossa vista pelas vertentes da serra o pomposo scenario d'essas esplendidas mattas.

Depois de remontarmos a encosta, sempre entrecortada de gentilissimos aspectos, e galgadas algumas voltas de estrada ladeirenta, vão perpassando massiços de frondosas mattas, deliciosas com as suas copadas abobadas, a cuja sombra, entre luminosa e verdejante, nos acolhemos pressurosos e avidos de nos libertarmos do cacifo asphyxiante que nos serve de vehiculo.

Após breve repouso ao abrigo d'esta sombra benefica e calmante cobram-se alentos para investir com a ladeira ingreme e pedregosa, orlada de velhos castanheiros que fariam um toldo de ramarias a esta vereda faiscante de sol, se não estivessem mutilados.

E' o caminho que leva ao convento e ao formoso panorama, que alli se nos defronta. Nem podia deixar de ser pittoresca a vista que d'esta eminencia se alcança, desde que lá se topa com vivenda de frades, hoje esphacelada em ruinas, que não accusam vestigios architectonicos dignos de apreço.

Notavel alli sómente o formoso painel, em cuja contemplação a alma se compraz embevecida!

O valle perspectiva-se magnificamente, pompeando opulencias de vegetação, e a montanha da *Picota* defronta-se-nos magnifica, desdobrando pelas suas vertentes as tapeçarias verdejantes das suas mattas.

E' sobretudo d'este ponto que ellas se nos perspectivam em deliciosos aspectos, lembrando aquellas velludineas suavidades de verdura com que nos encanta a matta do Bussaco, observada do *Calvario* e da Capella de Santo Antão.

Fronteira ao convento a *Picota,* est'outro gigante da serra monchicana a competir em força e altivez com a Foia, alevanta com arremesso a fronte escalvada, emergindo d'entre as roupagens que lhe cahem roçagantes das espaduas e dos flancos fecundos n'uma sumptuosidade de vegetação, que se arrasta pelo valle em magestosa cauda.

E' em frente d'este magnifico painel, mixto de imponencia panoramica e amenidade paizagista, que Monchique se nos afigura um retalho do formoso Minho, encastoado na torrida planura do Algarve. E' salientissima a antithese d'estas perspectivas de Monchique, alternadas de macissos de verdura, e de largos panoramas, com o pittoresco caracteristico do baixo Algarve, tão singularmente destoante da paizagem do resto do paiz.

E ao rememorarmos os aspectos da planicie algarvia, tão captivantes pela originalidade da sua vegetação exotica, com as folhudas alfarrobeiras — sanctuarios de verdura, com as enormes figueiras que semelham macissos de arbustos, com as plumagens esbeltas das palmeiras, aereas ventarolas, molduradas em formoso anil, com as côres ardentes do solo, que lembram as diversas tonalidades de ouro, sentimos que toda essa paizagem, que tanto nos impressionou, esmaece pallida e desluzida em confronto com esta opulencia de seivas que irrompem em borbotões de viço, e então a zona algarvia, que circumda a joia de Monchique, phantasia-se-nos a aurea moldura que dá realce a uma tela brilhante de colorido.

E como seriam muito mais bellas ainda estas encostas, onde os casaes na alegria da sua alvura afloram sorrisos por entre pompas de viços e ramagens, se a furia arboricida não trucidasse sem tregoas os melhores exemplares d'essa grande massa de arvoredo!

E' alli, enfrentando-nos com esse soberbo panorama do convento, que melhor se apreciam os effeitos devastadores do tributo de sangue imposto a estas tribus florestaes.

Aqui e além o nosso guia aponta-nos n'uma ou n'outra leira as calvicies, que lembram golpes brutaes de thesoura em formosas madeixas.

E n'esses talhões de terreno os pobres decepados concentram-se com resignada tenacidade n'uma laboriosa fermentação de seivas, que brotam em novos rebentos, enramilhetados em macissos de verdura, semelhando na distancia viçosos mangericões.

— E' alli — proseguia o nosso guia na pittoresca linguagem indigena — o jardim das fructas.

O jardim das fructas!

Bem haja esta luminosa phantasia andaluza, em que ha laivos de colorido oriental!

As deliciosas fructas de Monchique só em jardins podiam gerar-se. Assim o pensavamos embevecidos na contemplação dos formosos cachos de laranjas, que matizam os pomares n'uma vivida exuberancia de radiosas eflorescencias.

E' deliciosa a laranja do Algarve, nimiamente sacharina, como todas as fructas da provincia; mas a laranja de Monchique sobretudo é para o Algarve o que é para a Grecia o mel de Hoymetto, sem embargo da opinião de Chateaubriand que lhe achou um sabor desagradavel e o deprimiu até á irreverencia de lhe preferir o mel de Chamounix e ainda mais o de Kircagack na Anatolia.

E, á semelhança da rosa de todo o anno, vive nos pomares eternamente; em Monchique, região menos calida, começa a sua apparição, quando decahe a producção no resto da provincia, e assim

succede que esta joia dos pomares, e do paiz das laranjas — a Italia, vivifica a paizagem algarvia, por entre fragrancias e grinaldas de niveas flores, com o immortal esplendor do seu alegre colorido na perpetua azafama de tecer corôas virginaes para noivados angelicos.

O paiz das laranjeiras?... Não, o paiz das laranjeiras não é a Italia, é o Algarve.

A rudeza alpestre de Monchique attinge a nota aguda no sitio denominado — *Moinho da Rocha.*

O caminho é penoso, talhado em carreiros sinuosos, invios, pedregosos, mas sempre deliciosamente ensombrados pelas cupulas dos ramalhudos castanheiros e velhos sobreiros e a fadiga aligeira-se na contemplação das formosas perspectivas da *Picota* que se nos defronta e nos segue durante o trajecto, até que, a meio caminho, o panorama ridente da frondosa montanha desapparece desde que nos mettemos a um carreiro que se vae desenrolando n'um declive precipite, como escabrosa escadaria, até ao *Moinho da Rocha.*

A' medida que escorregamos pelo desfiladeiro, os cerros e as penedias vão crescendo sobre a nossa cabeça abruptas, talhadas a pique, n'um arremesso para o alto de um soberbo arrojo alpino, e no mais profundo do corrego, como que n'um abysmo dantesco, serpenteia o ribeiro es-

trangulado entre cyclopicos alcantis, atropellando-se iracundo no estorvo das penedias que lhe eriçam o leito.

Sobranceando o despenhadeiro salienta-se um acervo de fraguedos enconchados a modo de gruta, que se desdobra em gigantescos degraus por onde se precipita o ribeiro em pulos de catarata.

Por sobre a penedia o scenario contrasta com esta selvatica rudeza. O riacho espraia-se em serenidades crystallinas, onde se espelha o arvoredo luxuriante, e de redor ha nichos deliciosos de sombra e frescura. As azenhas, aninhadas na verdura, dão vivo realce ao encanto d'este idyllico recinto em formosa alliança do ridente pittoresco do Minho com o asperrimo alpestre das regiões pescanhosas.

Tão proximos e ao mesmo tempo tão distanciados dos aspectos levantinos do littoral!

X

O pittoresco da estrada do **Banho** *á villa—Os carros algarvios—Os burricos de Monchique e os machos de Chamounix—Serra acima—Aspectos e impressões da serra—Inflexões de pronuncia algarvia—Aspecto de uma feira algarvia—O valle dos Pisões—No cume da Foia—Decepção—O panorama da Foia velado—Um entardecer ao descer a serra—O horisonte da Foia descerrado em segunda ascenção—Sagres, o Infante D. Henrique e o centenario.*

Do *Moinho da Rocha* retrocedamos e agora de novo serra acima, com os olhos fitos na agulha d'aquella tentadora Foia, como que enthronisada nas alturas sideraes com olympica altaneria, attrahindo-nos irresistivelmente com a promessa do panorama deslumbrante que d'alli se alcança, e impondo-se com o mesmo prestigio, como se esti-

vessemos contemplando com receosa veneração a magestade colossal do *Monte-Branco*.

Do *Banho* para a povoação de Monchique ascende-se torneando a estrada aos torcicollos, e, á medida que vamos galgando os continuos zig-zags, o caminho percorrido nos planos inferiores figura-se-nos uma longa fita desenrolada, que vae enleando os arvoredos e os montes.

A perspectiva é magnifica, alegrada pelo *vae-vem* dos carros tirados a muares, eguaes aos alemtejanos, que põem no pittoresco panorama a nota viva, alegre, dos toldos coloridos, que semelham pequenos tunneis em movimento.

E ao vêl-os a distancia, radiantes na alegria das suas tintas garridas, mirabolantes, não póde suspeitar quem nunca experimentou este meio de locomoção o supplicio, que se acoberta sob tão enganosa apparencia.

Só o malaventurado padecente, que não póde optar por outro meio mais dispendioso de transporte, tem uma comprehensão exacta da tortura a que se submette quem jornadeia dentro d'estes cacifos asphyxiantes, opprimido entre fardos, sacudido aos solavancos, contrahidos e espezinhados os membros, dobrado o espinhaço sob a pressão do toldo esmagador no seu baixo arqueamento.

E estes vehiculos pintalgados vão rolando e sacudindo esta amalgama de passageiros e merca-

dorias mesmo durante as horas em que as estradas estão transformadas em sarças ardentes por entre nuvens suffocantes de poeira, que branqueia as plantas e arvoredos a elanguescerem ressequidos, emporcalhados, nostalgicos do viço primaveral e avidos de uma ablução pluvial.

E o indigena entrega-se ao terrivel instrumento de tortura indifferente e fleugmatico, sem indicio de soffrimento ou impaciencia, com a impassibilidade dos fanaticos indianos que se deliciam no extasi dos martyrios horripilantes.

Aqui, como em Cintra, em Collares ou no Bussaco, apparece-nos o burrico, este prestante auxiliar do excursionista indigena.

Não é precisamente um macho de Chamounix nedeo, sadio, contente, bem arreado, este miseravel jumento nacional, lazarento, de aspecto barbaro e pilharengo com o seu pêllo intonso e arreios andrajosos; mas mesmo assim que gloriosa folha de serviços a do miserando quadrupede!

Sem elle as maravilhas da Foia, para quem não tivesse pernas e pulmões de emerito *touriste* alpino, ficariam veladas no mysterio das cousas inaccessiveis.

Todavia, que temeraria aventura a de nos confiarmos ao espinhaço traiçoeiro d'este animal de apparencia humilde e bonacheirona, mas no intimo um sôrna avelhacado, um embusteiro peri-

goso, que por vezes se compraz em malignas phantasias lunaticas, estacando n'uma immobilidade casmurra sobre a aresta de um abysmo, ou rebolando-se pelo chão com uma ferocidade galhofeira de escravo revoltado na intenção rancorosa e vingadora de baldear o cavalleiro nas profundezas mortiferas de medonho abysmo!

E que supplicio cavalgar estas alimarias lanzudas, immundas e manhosas, tendo apenas por arreios um albardão granitico e uma corda tosca por redea!

Ao submettermo-nos com temeraria resignação a este perigo e a esta tortura, que escapou á ferina inventiva inquisitorial, mais requinta a nossa admiração pelo civilisado e ditoso saboyano, confrade d'este barbaro jumento algarvio, e, depois de escarranchados no coriaceo e sordido albardão n'uma attitude grotesca de Sileno bifurcado n'uma dorna, sentimos esfriar o nosso denodado arranque no assalto á Foia.

Mas vexados de tanta fraqueza prestes nos recobramos do pusillanime esmorecimento e acurvamo-nos resolutamente ao comico supplicio, alentados pelas exhortações encomiasticas com que exalta as excellencias do bucephalo o nosso guia, que tambem nada ganha em confrontos com o seu confrade saboyano, polido e aceiado, como um *gentleman* da classe.

Internados por invios atalhos a breve trecho vão-se succedendo as lombadas da serra, descommunaes e bravias, despenhando-se em ravinas lobregas e profundas, alteando-se em monstruosas corcovas. N'esta immensidade desolante, guarida de eternos silencios, confrange-se o coração n'uma emoção indizivel, mixto de vago mal-estar e de respeitoso temor perante qualquer cousa de ignoto e indefinivel.

Lembra equiparar a impressão pungente d'este mortuario silencio nas asperrimas solidões de uma serra á que experimentam os viajantes perante as ruinas de uma antiga cidade morta. O espirito nos primeiros momentos fica conturbado n'um mixto de angustia e estupor diante do mudo recinto, onde resoou o borborinho de tantas gerações florescentes, e dá vontade de soltar um brado, como Chateaubriand clamando o nome de Leonidas nas ruinas de Sparta, para despertar um echo, um simulacro de voz, uma chispa de vida, que nos liberte do pezadume constrictor d'estas immensidades desertas e silenciosas.

E sob esta impressão espezinhadora contemplamos com sympathia um moinho que destaca no cimo de um outeiro, pondo na algida solidão com o seu azafamado bracejar um fremito de vida, como se fôra um ser animado que, com o bafo da sua respiração, com a irradiação da sua vitalida-

de, attenuasse a crueza enregelante do aspero e inhospito ermo, como se sentiramos de todos os lados a premirem-nos as paredes de um ataúde.

E este solitario, phantasticamente erguido sobre a crista da montanha, como que alçado a uma tribuna, lembra um pobre louco aphonico, trabalhado de uma impulsão febril e torturante de oratoria, que se traduz apenas n'uma mimica frenetica, e ao mesmo tempo se exaspera da sua mudez, refractaria aos estos de eloquencia, que lhe cachôam impotentes no cerebro. Mas para logo esta impressão penosa de sepulchral solidão esvae-se como um sonho mau que se dissipa no despertar á luz de um arrebol jubilante, e são ainda as formosas mattas de castanheiros que nos arrancam ao tenebroso pezadello, acolhendo-nos ao seio da sua verdura umbrosa e ridente.

O nosso guia avisa-nos consoladoramente:

—Agora alli é como quem entra n'um caramanchão.

E internavamo-nos em plena matta, deliciados pelo acolhimento amavel das arvores hospitaleiras, que nos punham ao abrigo das catadupas de sol, que já começavam de atear ainda matinalmente labaredas no ambiente da rude montanha.

De quando em quando resaltava da massa florestal a corpulencia de algum d'esses primazes —monumentos da natureza, que vão impondo respeito atravez dos annos ao machado arboricida.

E por algum tempo sob baldaquinos de verdura proseguimos na investida ao cume da Foia, ao som da loquacidade infatigavel dos nossos guias, como se fôra uma impulsiva marcha guerreira, á qual ajusta perfeitamente a qualificativa locução plebeia-*algaravia,* tão obscura, atabalhoada, pastosa e accentuada de estranhas e barbaras cadencias resôa a lingoagem grunhida por estes serranos de Monchique.

O algarvio não canta; as louçanias da natureza, aviventadas á luz de um céu radioso, não se lhe reflectem para o intimo d'alma em expansões jubilantes e alegres cantares, como nas romarias e feiras do Minho ruidosas e garridas, que expluem em vigorosas alegrias de kermesse ou nas esfolhadas travessas, onde o bom humor madrigalesco dos fortes e sanguineos esfusia sob o osculo amoroso dos meigos luares.

Observamos uma feira em Faro, porventura a mais importante da provincia, e era triste de vêr-se aquella turba-multa movendo-se, sem uma scintillação de pittoresco nos trajos de côr fradesca, n'um formigar monotono, actuada apenas pela preoccupação da mercancia.

De toda aquella chusma macambuzia não resalta faisca de vivacidade, lampejo de animação. Um dentista, hirto e solemne sobre um banco, ostentando ao tiracollo collares de dentes com a

gravidade de um alto burocrata constellado de veneras, não se dignando perturbar a aprumada rigidez britannica na malleabilidade de um gesto alliciante para engodar a clientella, condizia com o aspecto baço e insulso do quadro, cujos cambiantes poderiam ser delineados com um pincel molhado sómente em duas tintas sombrias—preto e castanho, e tão sombrias que nem o proprio sol podia metter n'aquella mole soturna a galhofa da sua luz hilariante.

E até o palhaço, como que contagiado pela semsaboria d'aquelle espectaculo insipido e descolorido, deixava cahir da varanda do barracão com somnolento e descoroçoado relaxamento a chalaça truanesca, ao desamparo das chufas e risotas, que é d'uso fazerem côro ás graçolas dos pantomimeiros.

O algarvio só canta fallando; a palavra quebra-se-lhe em notas musicaes, accentos cantarolantes que não são uniformes em toda a provincia.

As tricanas de Coimbra modulam a voz harmoniosamente; nada mais grato ao ouvido de quem está habituado á pronuncia defeituosa, á accentuação dura e grosseira ao norte do paiz, do que essa musica delicada e melodiosa, esse timbre doce e avelludado, nota maviosa que alegra constantemente a turbulencia dos bairros escholasticos e faz sonhar, embora quasi sempre com a

mais cruel decepção, em meigos semblantes de peregrina belleza.

Mas no Algarve essa cadencia musical requinta-se e exagera-se sem o encanto da inflexão coimbrã.

Ha, porém, povoações, onde esta modulação cantante é mais graciosa e sympathica. A uma rapariga de Alcantarilha, tez trigueira, sangue azougado, olhos pestanudos de andaluza, que vivia desde annos em Faro, ouvimos lastimar-se com grande magoa, porque sentia ir perdendo mau grado as excellencias do accento peculiar e superior da sua terra natal.

Embalados n'estas cogitações chegamos aos *Pisões,* uma das estancias mais encantadoras d'estas paragens.

E' o *Paraiso* amplificado—o alargamento do pittoresco valle suavemente accidentado, avelludado de musgos que viçam fulgurantes á sombra de opulentos castanheiros, e sulcado por um ribeiro que de verão na mansuetude do seu curso sereno vae murmurando uma doce canção embaladora, um d'estes ribeiros a que lembra offerecer o resto do copo de agua que Dumas com ironico desdem reservou para engrossar a corrente do Manzanares, mas que no inverno sabe rugir as coleras das torrentes caudalosas, como as que no *Moinho da Rocha* se avolumam em magnificas cordas d'agoa espumejante.

Mas a breve trecho abandonavam-nos estes bons companheiros de jornada,—os castanheiros, e o resto da escarpada encosta tivemos de galgal-a penosamente, desamparados da sua sombra protectora, até que chegamos emfim ao pinaculo da serra, uma pequena planura verdejante, que se decliva para o sul junto da pyramide da triangulação.

Mas triste mallogro já suspeitado! O famigerado panorama velava-se mysteriosamente aos nossos ávidos olhares n'uma d'estas cerrações frequentes no auge do calor.

No primeiro plano ainda se desenhavam perceptiveis as corcovas das montanhas, como vagas em oceano largamente ondulado, que iam perdendo gradativamente a nitidez dos contornos, esfumando-se e confundindo-se na espessa bruma que embaciava o littoral até ás extremas do horisonte.

A larga perspectiva panoramica de todo o Algarve cerrava-se como um cortiço de abelhas, justificando a phrase original e expressiva do guia:

—A Foia está hoje tapada com betume.

De facto de betume, argamassa ou outra qualquer materia opaca, parecia revestido todo aquelle vastissimo horisonte, transformado n'uma muralha de cimento.

Aquella caligem era o producto da ignea vaporação da terra nos torridos dias influenciados pelo levante, fundindo-se com a fumarada, que se vae diluindo na atmosphera, exhalada pelas queimadas—esta praga que no verão tanto recrudesce o esbrazeamento em que ardem o Alemtejo e o Algarve.

Ainda assim deu-nos azo esta imperfeita observação a reconstruir na imaginação o conjuncto da famosa tela, em que se estampa com todos os detalhes o relevo physionomico do Algarve, em quanto que uma segunda ascensão não nos suggeriu a noção exacta e nitida do mais bello e imponente panorama do paiz, segundo opiniões illustradas.

E ao descer da Foia compensava-nos do mallogro desconsolador o encanto de um formosissimo entardecer.

Envolvia-nos a penetrante e melancholica sentimentalidade tão peculiar d'esta hora do dia expirante; os derradeiros reflexos de um occaso fulgurante fundiam-se com as luminosas vibrações do plenilunio nascente n'uma inundação de luz feerica e estonteadora, e em quanto que no horisonte para os lados da Foia, destacando como uma pedra enorme de onix na luminosa limpidez do ambiente, se desenhavam laivos sanguineos que se iam esbatendo suavemente, como pincela-

das doces de aguarella, o disco da lua erguia-se com a magestade lenta de uma grande hostia sacrosanta nas aras do infinito, avassallando a natureza n'um esplendor triumphal, e a solidão da serra, como que transformada n'um lago incommensuravel de magica luz, penetrava-nos de uma ineffavel sensação, que, desprendendo-nos do sentimento da realidade, enleiava-nos n'um voluptuoso e indecifravel olvido das cousas terrenas.

N'uma segunda ascensão o horisonte estava desanuviado tanto quanto o permittem no verão as calidas vaporações da terra, e pudémos então convencer-nos de que em largueza e magestade de perspectiva como em magnificencia de pittoresco o panorama da Foia não póde ser sobreexcedido.

A soberba tela desdobra-se aos nossos olhos, patenteando-nos o baixo Algarve, como que estereotypado n'uma carta geographica. Todas as povoações importantes, todos os accidentes de terreno, as aldeias, os arvoredos resaltam em vigoroso relevo, como se todas estas cousas tão distantes se approximassem n'uma perfeita e nitida miniatura.

A casaria alegre de Portimão com o seu rio a

resplandecer como uma faxa prateada, Lagos e a sua bahia alisando-se n'um espelhamento de limpida lagôa, entre a ponta da Piedade e o Carvoeiro, ao poente a memoranda ponta de Sagres e mais além, na mesma direcção, internando-se mar dentro, como uma avenida no oceano, o promontorio sacro, o Cabo de S. Vicente salientam-se vivazmente n'este formoso painel do baixo Algarve, em quanto que aos nossos pés os dorsos das montanhas como que se nos offerecem em escadaria para descermos a esse formoso parque do littoral.

Voltando-nos para o lado opposto alarga-se a perspectiva até aos campos de Beja e é tão amplo em redor este magestoso horisonte, que em quanto para um lado, a olho armado, se descortina a torre de Beja, para outra banda vão esquadrinhar-se a bahia de Cascaes e a serra de Cintra.

E ao determos a vista além na ponta de Sagres transportavamo-nos ao nosso heroico passado; o vulto epico do Infante D. Henrique surgia, aureolado na gloria das audaciosas navegações, que, ao impulso da sua iniciativa bem orientada, pozeram em communicação os continentes e foram o prefacio da moderna civilisação.

Mas para logo das culminações luminosas d'esta visão descahimos contristados na realidade da decadencia presente e n'este pendor cogitati-

vo, impressionados pelo scenario imponente da Foia, envoltos no silencio emocionante d'estas paragens que nos convisinham do céu n'um arrojo do pensamento para o mysterio perturbante do infinito, vendo de tão alto o esfervilhar rasteiro do formigueiro humano, saturavamo-nos de pensamentos graves e melancholicos, sobretudo melancholicos no solemne momento historico em que nos alvoroçamos patrioticamente na apotheose commemorativa do solitario de Sagres, que no arrojo genial das suas largas vistas, na reconcentração pensadora de erudito, na tenacidade indefectivel e na firmeza heroica com que se devotou ao triumpho de um luminoso e fecundo ideal foi o primeiro da—*inclita geração, altos infantes.*

Então naturalmente resaltava o parallelo entre os vultos grandiosos da nossa antiga e gloriosa nacionalidade e os modernos grandes homens, que na comprehensão do patriotismo e das virtudes civicas, tão sua d'elles, teem sido impotentes para contrapesarem a incontrastavel lei historica da perdição dos grandes imperios pela corrupção dos costumes, ficando-lhes reservada apenas a dolorosa missão de lavrar o epitaphio d'este decadente paiz, fatalmente arrastado por essa força mysteriosa, que do apogeu da gloria e da grandeza tem precipitado na ruina as mais poderosas nações.

E d'envolta com estes pensamentos tristes ia-se desdobrando a visão scenographica da pomposa commemoração glorificadora do egregio Infante e da sua obra ingente, justamente quando mais nos deprime a impotencia de proseguir na missão maritima e colonial que elle iniciou.

Os hymnos triumphaes, as sessões solemnes, vibrantes de patriotica emoção sob lampejos de rhetorica retumbante, o cortejo civico atravez da cidade agitada em festivo burburinho, flamante de colgaduras e ornamentos hilariantes, estonteada no delirio do goso em contraste com a miseria publica, alastrando-se longamente, magnificamente, n'um rasto apparatoso de corporações e funccionarios, pompeando galas, alçando estandartes, acertando o passo emphaticamente com a marcha magestosa dos carros allegoricos, symbolos de grandezas e prosperidades extinctas, alardeando florescimentos imaginarios da marinha, das artes, do commercio e das industrias, todas as peripecias de uma apotheose monumental desfilavam theatralmente aos nossos olhos como n'um kaleidocospo deslumbrante.

Arranque sincero da revivescencia de um povo que sente ainda, contrito dos seus erros, estuarem-lhe no sangue energias viris para arcar com o infortunio, ou producto morbido do sentimentalismo meridional e da altiveza peninsular, germinando-

se em esteril e frivola jactancia de um passado glorioso, que foi clarão, tão fugaz como fulgurantissimo, projectado pelo genio de uma pequena nação, mas grande na tempera das energias heroicas, nos horisontes profundos da evolução social?

E em quanto o espirito fluctuava indeciso na decifração d'este cortejo alardeante de pompas, de engrandecimentos e abundancias em meio de um povo decahido, humilhado, empobrecido, o vulto do Infante reconcentrado, severo, imponente, além no horisonte do sacro promontorio assumia proporções grandiosas n'uma fórma vaga e phantastica e o seu olhar fulgurante, reflexo da chamma interior que lhe alumiava a sua visão de gloria, poderio e engrandecimento nacional, alongava-se pelo solo sagrado da patria n'uma fixidez de surpreza dolorosa!

Dezembro—1893.

INDICE

PAG.

Advertencia 5

CAPITULO I

Primeiros aspectos.—Os figueiraes.—A luz e o luar algarvio.—A ria de Faro á luz de um occaso.—Amenidades do clima de Faro e contraste 9

CAPITULO II

O typo das cidades e villas algarvias.—O aspecto de Faro e typos das ruas.—Os trajos populares e o tamanco algarvio.—O biôco, o *morghot* e a mantilha . 17

CAPITULO III

Resenha historica das origens da cidade de Faro.—A tradicional porta da Traição.—Ossonoba.—Reconstrucção das muralhas.—Effeitos do terremoto de 1755.—A Sé Cathedral.—O panorama de Santo Antonio do Alto.—Um passeio fluvial ao cabo de Santa Maria.—Aspecto de Faro observada da ria.—Uma regata.—Temperamento do algarvio.—Influencia do meio. 33

CAPITULO IV

PAG.

Ainda as excellencias do outono.—A decoração das amendoeiras em flôr e seus aspectos diversos em Santo Antonio do Alto.—Uma excursão maritima de Faro a Portimão.—As furnas do littoral.—A ermida de Nossa Senhora da Rocha.—As cavernas troglodyticas do Algarve 49

CAPITULO V

O aspecto de Portimão.—A praia da rocha.—Albufeira e o seu castello.—O arraial de uma armação de atum. —O copejo 63

CAPITULO VI

Arredores de Faro.—De Faro a S. Braz e Loulé.—Vislumbres da paizagem do Minho e aspectos levantinos.—O typo feminino algarvio.—Trigueiras e louras.—Confrontos com o norte do paiz.—Traços sobre o caracter e temperamento do algarvio.—Pontos de contacto com a Andaluzia.—A reconcentração da vida provinciana e o soalheiro indigena.—A festa do 1.º de Maio.—O *Maio* de Lagos 85

CAPITULO VII

As procissões em Faro.—As procissões da Misericordia e de S. Sebastião.—O jardim e as thermas romanas de Estoy.—O pittoresco de Tavira e Loulé.—Villa Real de Santo Antonio e o Marquez de Pombal.—Monte d'Ouro degenerado em Monte-Gordo.—O typo algarvio-andaluz accentua-se em Villa Real.—Olhão e a sua actividade laboriosa.—A celebre *Barrêta*.—O lendario arrojo do marinheiro olhanense 101

CAPITULO VIII

PAG.

Monchique.—Aspecto geral da paizagem e do pittoresco da serra.—As mattas de castanheiros.—Confronto com o Bussaco e a proposito um conto de Daudet.—As thermas de Monchique.—O estabelecimento thermal.—*Palação*, *palacete*, *palacim* e o salão.—Origem das thermas.—O *Paraizo* e os seus idyllicos arredores.—As nortadas no Banho de Monchique.—Os calores do levante e as queimadas 125

CAPITULO IX

Outras perspectivas do *Banho*.—A Ponte dos Suspiros.—Os ribeiros da Ponte dos Suspiros e do Paraiso.—O panorama do Mirante ao entardecer.—Contrastes da paizagem de Monchique.—Do banho para cima.—As mattas de castanheiros.—A vista do Convento.—O monte da *Picota*.—Parallelo entre a paizagem de Monchique e o pittoresco do Minho.—O jardim das fructas.—A laranja e os pomares do Algarve.—O Moinho da Rocha. 143

CAPITULO X

O pittoresco da estrada do *Banho* á villa.—Os carros algarvios.—Os burricos de Monchique e os machos de Chamounix.—Serra acima.—Aspectos e impressões da serra.—Inflexões de pronuncia algarvia.—Aspecto de uma feira algarvia.—O valle dos Pisões.—No cume da Foia.—Decepção.—O panorama da Foia velado.—Um entardecer ao descer a serra.—O horisonte da Foia descerrado em segunda ascensão.—Sagres, o Infante D. Henrique e o centenario . . 157

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Margarida.	500	réis
Vida attribulada	500	»
O senhor Deputado	500	»
Esboços do natural (contos). .	500	»
Esthetica naturalista	500	»
O homem indispensavel . . .	500	»
O Bastardo	500	»

Send them
Combe chet
on agent

91-B13902

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00028 2794